



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**GUILHERME DINIZ DA COSTA**

**CERAMISTAS DE SANTARÉM: HERDEIROS DE UMA TRADIÇÃO  
ANCESTRAL**

**SANTARÉM – PA  
2023**

**GUILHERME DINIZ DA COSTA**

**CERAMISTAS DE SANTARÉM – HERDEIROS DE UMA TRADIÇÃO  
ANCESTRAL**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção do título de bacharel em Arqueologia; Universidade do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade. Orientador(a): Anne Rapp Py-Daniel.

**SANTARÉM – PA**

**2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

C837c Costa, Guilherme Diniz da  
Ceramistas de Santarém: herdeiros de uma tradição ancestral / Guilherme Diniz da Costa. – Santarém, 2024.  
61 p.: il.  
Inclui bibliografias.

Orientação: Anne Rapp Py-Daniel.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.

1. Cerâmica Tapajônica. 2. Ceramistas – Santarém (PA). 3. Trabalhos em cerâmicas. I. Py-Daniel, Anne Rapp, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed.738.098115

---

Bibliotecário - Documentalista: Mayco Ferreira Chaves – CRB/2 1357

**GUILHERME DINIZ DA COSTA**


**CERAMISTAS DE SANTARÉM: HERDEIROS DE UMA TRADIÇÃO ANCESTRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Anne Rapp Py-Daniel


Conceito: 9,5

Data da Aprovação 24/05/2024

Documento assinado digitalmente  
 ANNE RAPP PY DANIEL  
Data: 24/05/2024 11:10:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Anne Rapp Py-Daniel – Orientadora  
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Documento assinado digitalmente  
 MARJORIE DO NASCIMENTO LIMA  
Data: 24/05/2024 11:13:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Dra. Márjorie do Nascimento Lima – Avaliadora  
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM

Documento assinado digitalmente  
 KAREN LORENA FREIRE MARINHO  
Data: 24/05/2024 11:17:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. MsC. Karen Lorena Marinho  
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Esse trabalho é dedicado à  
minha mãe Cassandra e a todos  
que se interessam pela cultura  
material de Santarém.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir esse trabalho.

Agradeço a minha família por ter me ajudado, em especial a minha mãe, Cassandra, e a minha irmã, Sophia.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Anne por ter tido paciência e disponibilidade em me ajudar a concluir esse trabalho. E a professora Bruna por ter me sugerido o tema e a ordem de roteiro desse trabalho.

Agradeço aos ceramistas Elves de Souza Costa e Jefferson Paiva. Por terem compartilhado seus conhecimentos de vida sobre a cerâmica. Seus depoimentos foram de total ajuda para a conclusão deste trabalho.

Agradeço também aos professores e colegas da UFOPA do curso de Arqueologia por terem ensinado-me tanto e ajudado-me a concluir essa etapa da minha vida.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo ilustrar os fatores que levam os ceramistas de Santarém a se identificarem como herdeiros da tradição Tapajós e dar destaque através da perspectiva dos ceramistas. Atualmente a cerâmica Tapajônica é produzida por ceramistas do cenário independente, que por meio próprios, têm que financiar sua produção cerâmica, sem auxílio externo. A cerâmica produzida ao longo do rio Tapajós passou por uma série de mudanças, decorrentes da exploração européia na Amazônia. Visto dessa forma a integração entre povos acarretou em uma série de trocas culturais entre europeus, indígenas e africanos. Essas trocas culturais influenciaram a produção cerâmica moderna e acarretaram em novas formas de se produzir cerâmica. Com o auxílio de entrevistas entre os ceramistas, Mestre Elves e Jefferson Paiva, esse trabalho busca identificar a importância dos ceramistas atuantes no cenário regional do Baixo-Amazonas e destacar os desafios de se manter a produção cerâmica Tapajônica, dando destaque ao presente, sem esquecer o passado.

**Palavras-Chave:** Ceramistas, Cerâmica, Tapajós.

## **ABSTRACT**

The present work aims to illustrate the factors that lead Santarém potters to identify themselves as heirs of the Tapajós tradition and highlight them from the perspective of the potters. Currently, Tapajônica ceramics are produced by independent potters, who, through their own means, have to finance their ceramic production, without external assistance. The ceramics produced along the Tapajós River went through a series of changes, resulting from European exploration in the Amazon. Seen in this way, integration between peoples resulted in a series of cultural exchanges between Europeans, indigenous people and Africans. These cultural exchanges influenced modern ceramic production and led to new ways of producing ceramics. With the help of interviews from ceramists, Mestre Elves and Jefferson Paiva, this work seeks to identify the importance of ceramists working in the Lower Amazon region and highlight the challenges of maintaining Tapajônica ceramic production, highlighting the present, without forgetting the past.

Keywords: Ceramists, Ceramics, Tapajós

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01 - Mapa da Localização dos Sítios Arqueológicos da cidade de Santarém-PA .....</b>	<b>14</b>
<b>Figura 02 - Grupos indígenas prestando homenagem a Dom Phillips e a Bruno Pereira.....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 03 - Cerâmica Tapajó carregando características Zoomorfas .....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 04 - Vaso de Cariátides, utilizado em cerimônias ritualísticas.....</b>	<b>17</b>
<b>Figura 05 - Exemplo de cachimbo produzido no contexto histórico de Santarém.....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 06 - Mestre Elves produzindo réplica de cerâmica Tapajó .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 07 - Mestre Elves orientando alunos em uma oficina de cerâmica</b>	<b>24</b>
<b>Figura 08 - Museu João Fona, local onde encontram-se as cerâmicas produzidas por mestre Elves.....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 09 - Peças produzidas por mestre Elves .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 10 - Mestre Elves produzindo cerâmica.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 11 - Mestre Jefferson Paiva em uma exposição cerâmica .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 12 - Evento de cerâmicas que ocorreu na China, onde foram apresentadas réplicas das peças Tapajó produzidas por Mestre Jefferson. ....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 13 - Arte cerâmica produzida por Jefferson em feira de exposição na China.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 14 - Mestre Jefferson Paiva produzindo cerâmica .....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 15 - Mestre Jefferson Paiva moldando a cerâmica.....</b>	<b>42</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

**IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**

**MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia**

**PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica**

**UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará**

**USP – Universidade de São Paulo**

**SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira**

**SESC – Serviço Social do Comércio**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 PESQUISA HISTÓRICA</b> .....	<b>14</b>
<b>1. O Povo Tapajó</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1 A Cerâmica Tapajó</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2 Cultura Híbrida</b> .....	<b>18</b>
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	<b>20</b>
<b>2.1 Coleta de Dados</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2 Perguntas</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2.1 Dados do Entrevistado</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2.2 Questões Pessoais</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2.3 Perguntas Relacionadas a Produção Cerâmica</b> .....	<b>21</b>
<b>3 ENTREVISTAS</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1 Entrevista 01</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1.1 Questões Pessoais</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1.2 Questões Sobre a Produção Cerâmica</b> .....	<b>28</b>
<b>3.2 Entrevista 02</b> .....	<b>33</b>
<b>3.2.1 Questões Pessoais</b> .....	<b>33</b>
<b>3.2.2 Questões Sobre a Produção Cerâmica</b> .....	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema principal fazer uma análise da importância que os ceramistas atuantes têm, em função da própria história do fazer cerâmica, na cidade de Santarém do Pará. Visando as mudanças que os mesmos têm em relação à produção cerâmica e às consequências causadas pelas mudanças decorrentes das invasões europeias, que moldaram novas formas de se fazer a cerâmica regionalmente.

Dessa forma, o autor realizou uma série de entrevistas que foram gravadas e transcritas. As perguntas tiveram como critério identificar e descrever a atuação dos ceramistas atuantes na cidade de Santarém. Na busca por identificar os fatores que colocaram esses artistas, não somente na produção da cerâmica, mas também, como herdeiros de uma cultura já estabelecida. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica em relação ao passado da produção cerâmica da cultura tapajônica.

Em relação à produção cerâmica atual, podemos estabelecer que o que leva alguém a produzir cerâmica está relacionado a fatores econômicos e sociais relacionados ao estilo de vida. Baseado nos estudos de Barata, 1951; Nimuendajú, 1953; Roosevelt, 1991; Symanski & Gomes, 2012; Shaan & Alves, 2015; Priante, 2016; Muniz e Pereira, 2017; Sarah Hissa, 2020 e Maciel, 2022, podemos estabelecer que a produção cerâmica na Amazônia atualmente é fruto de incontáveis mudanças culturais, que ocorreram após a chegada dos europeus e a introdução a novas tecnologias.

Dessa forma, para entender se os grupos ceramistas atuantes, podem ser considerados herdeiros. Devemos primeiro visar as mudanças decorrentes da produção cerâmica em Santarém. Para no fim, discorrermos se os ceramistas podem ser considerados protetores e perpetuadores da cultura presente na cerâmica Tapajônica.

A preservação da história local, não é somente uma maneira de aprendermos com o passado, mas, também uma forma de preservarmos um futuro próximo. Ceramistas assim, não tão somente são conhecedores de determinado conhecimento, mas também, herdeiros que têm como função preservar conhecimentos ancestrais de grupos que já habitaram a região.

As entrevistas com os ceramistas foram realizadas com o uso de perguntas pré-determinadas, em ambientes locais e reconhecíveis para os entrevistados sobre sua produção cerâmica. A seguir está um breve resumo dos capítulos que se seguem.

**Capítulo I:** Breve história da cerâmica de Santarém, irá implicar a exploração de grupos indígenas por grupos colonizadores e apresentar pesquisas já estabelecidas sobre a cerâmica Tapajônica.

**Capítulo II:** Apresenta a metodologia do trabalho e divulgará as principais questões que foram trabalhadas com os ceramistas. Será feita uma apresentação dos ceramistas para os leitores.

**Capítulo III:** Será feita uma análise das entrevistas realizadas, identificando os fatores sociais e econômicos de ambos os ceramistas entrevistados a fim de saber como entraram no mundo da modelagem da cerâmica e como são herdeiros da cultura milenar da região. Também será feita a identificação dos materiais usados na cerâmica de cada um e como são produzidos.

**Considerações Finais:** Aqui será relatado, os pontos de vista do autor. Em suma serão destacados as diferenças e semelhanças dos entrevistados, analisar o que teria levado a serem herdeiros é por fim estabelecer a importância da preservação cerâmica em âmbito regional.

# 1 PESQUISA HISTÓRICA

Neste capítulo serão exploradas as pesquisas arqueológicas no Baixo Rio Tapajós, focando em apresentar a história das mudanças causadas na produção cerâmica Tapajônica após o contato com os europeus.

## 1. O Povo Tapajó

As margens do rio Tapajós foram palco da presença de uma grande diversidade étnica de grupos indígenas. Os Tapajó foram um grupo indígena, anteriores à invasão europeia, que teriam formado sua Aldeia ao longo das margens do rio Tapajós, atualmente onde fica localizada a cidade de Santarém (Nimuendajú, 1953). Tal grupo foi dado como extinto durante o Século XVIII (Symanski & Gomes, 2012), mas isso é questionado, pois até os dias atuais temos indígenas que se reconhecem como herdeiros dos Tapajó. O que faz sua influência persistir ao longo do tempo através da produção cultural local (Maciel, 2022).

**Figura 01 - Mapa da Localização dos Sítios Arqueológicos da cidade de Santarém-PA**



**Fonte:** Ney Rafael Gomes Monteiro, 09/2020.

**Figura 02 - Grupos indígenas prestando homenagem a Dom Phillips e a Bruno Pereira.**



**Fonte:** Isabelle Maciel, 22/06/2022.

Assim como outros grupos indígenas que viveram na Amazônia durante os séculos XVI e XVII, Os Tapajó foram expostos às mais diversas variedades de ataques vindo dos europeus, a exposição a doenças, a destruição cultural e a adoção forçada ao cristianismo e a escravidão. Fizeram o nível demográfico dos indígenas cair em absoluto. (Roosevelt, 1991).

Ainda hoje a falta de informações sobre os Tapajó, seus modos de vida e práticas religiosas ainda são motivos de pesquisa para arqueólogos (Shaan e Alves 2015). Uma das maneiras que os arqueólogos atualmente buscam por mais informações são através das cerâmicas Tapajó. Onde seriam analisados seus modos de vida e noções religiosas. As principais áreas de pesquisa arqueológicas focadas nos Tapajó estão localizadas nos sítios arqueológicos Porto e Aldeia. (Figura 01) em Santarém.

“[...] Amazônica, tanto do período pré-contato, como da expansão do sistema colonial europeu, sobretudo, de muitos dos elementos submetidos a um processo de "amnésia histórica", intencionalmente direcionada.” (Muniz e Pereira 2017. P. 142)

De acordo com Isabelle Maciel (2022), na região do baixo Tapajós, estão vivendo mais de 7 mil indígenas, distribuídos em 64 aldeias de 18 territórios,

localizados nos municípios de Santarém, Belterra e Aveiro. Muitos desses indígenas ainda vivem com problemas de insegurança. Em 2022 foram realizados, protestos contra a morte de Dom Phillips e Bruno Pereira (Figura 02) por indígenas em Santarém. Descendentes diretos de povos indígenas, entre eles os Tapajó, cobraram do governo federal por respostas e protestaram pelo estado de insegurança que muitos indígenas ainda vivenciam atualmente. (Maciel, 2022).

“[...] Em suma, o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito.” (Muniz é Pereira 2017. P. 147)

### **1.1 A Cerâmica Tapajó**

A produção cerâmica associada aos Tapajó, mas que deve ser entendida como cerâmica regional, provavelmente produzida por várias etnias locais, carrega uma grande variedade de formas, entre essas podem ser encontradas tanto cerâmicas Zoomorfas (características de animais) (Figura 03) quanto antropomorfas (características humanas). Vasos de Gargalo e Cariátides (Figura 04), essas peças tinham uso cotidiano e possuíam uso para ritos religiosos. Os detalhes na cerâmica eram colocados através de incisões e apliques que eram feitos nas bordas e na base dos vasos cerâmicos. (Priante, 2016). Normalmente eram usadas as cores branco, preto e vermelho nas cerâmicas (Schaan e Alves, 2015).

De acordo com Schaan e Alves (2015) os Tapajó utilizavam materiais ricos em sílica para a produção de sua cerâmica. Os principais materiais eram o Cauixi, um tipo de esponja que é possível ser encontrado nas margens dos rios da região e o Caraipé, uma casca de árvore que era triturada e moída para ser misturada à argila. Esses materiais eram usados como anti-plásticos e tinham a finalidade de diminuir a plasticidade da argila e que a mesma mantenha a forma que lhe é dada quando posta em altas temperaturas, o que ajudava quando era feita a secagem da peça ao sol e pôr fim a queima do material.

**Figura 03 - Cerâmica Tapajó carregando características Zoomorfas.**



**Fonte:** Tiago Silveira, 22/03/2018.

**Figura 04 - Vaso de Cariátides, utilizado em cerimônias ritualísticas.**



Fonte: <https://www.ecoamazonia.org.br/2021/04/terceira-margem-parte-ccv/>  
Acessado em 30/03/2024.

## 1.1 Cultura Híbrida

De acordo com Symanski e Gomes (2012) a cultura Tapajó (assim como outros povos) foi refém de uma hibridização cultural forçada com outros grupos indígenas. Desde sua fundação em 1661 (Prefeitura Municipal de Santarém, 2024) Santarém fora usada como palco da exploração europeia na Amazônia. O uso indiscriminado da exploração de mão de obra indígena escravizada, era usado para exportar matérias-primas, cerâmicas e outros bens de consumo para fora do Brasil, o que contribuiu financeiramente na exploração de outros povos indígenas e exploração da Amazônia por grupos estrangeiros.

A mistura de diferentes grupos indígenas em uma zona controlada por europeus, acabou criando uma cultura cerâmica híbrida, criada através de uma rede de troca (Symanski e Gomes, 2012). De acordo com Muniz e Pereira (2017) durante o século XIX, as unidades domésticas habitadas por portugueses, indígenas e mestiços não deixavam dúvidas da mescla cultural e material de diferentes grupos.

“Santarém, portanto, foi palco de encontros culturais desde praticamente o início do processo colonizador europeu. Nos séculos XVI e XVII esses encontros promoveram etnocídio, realocações forçadas de populações indígenas e etnogênese. Começaram, assim, a ser conformadas novas configurações culturais, produto das trocas entre portugueses, luso-brasileiros, indígenas, mestiços, e, em uma menor escala, africanos. As identidades que emergiram deste processo foram múltiplas, não podendo simplesmente ser reduzidas à dicotomia colonizador colonizado” (Symanski e Gomes, 2012. P. 60).

As relações sociais entre indígenas e portugueses, também, acarretou na introdução de novas formas de reinterpretar a produção cerâmica. De acordo com os estudos de Sarah Hissa (2020) sobre a produção de cachimbos no Brasil é destacado, que cachimbos produzidos durante o período de exploração na Amazônia (Figura 05) carregam características mistas, Hissa destaca os estudos de Frederico Barata (1951) que via os cachimbos produzidos por indígenas como parte de um processo de aculturação indígena. Em estudos mais recentes (Symanski e Gomes, 2012) é destacada a existência de características híbridas e mestiças presentes nos cachimbos barrocos, carregando detalhes que atribuem a uma mescla de produção indígena.

**Figura 05 - Exemplo de cachimbo produzido no contexto histórico de Santarém.**



**Fonte: Wagner Souza e Silva, 2012.**

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Coleta de Dados**

Para esse artigo, foram realizadas leituras de trabalhos bibliográficos (Barata, 1951; Nimuendajú, 1953; Roosevelt, 1991; Symanski & Gomes, 2012; Shaan e Alves, 2015; Priante, 2016; Muniz e Pereira, 2017; Sarah Hissa, 2020; e Maciel, 2022) que relatam as mudanças causadas, no modo de preparo da produção cerâmica Tapajônica. Também foram realizadas entrevistas, com perguntas fechadas para que cada um dos entrevistados pudesse responder. Outras perguntas foram feitas aos entrevistados, no caso, se o entrevistador observasse detalhes interessantes a serem colocados no trabalho e necessitasse de respostas.

As entrevistas foram realizadas de forma pessoal, com o entrevistador indo em local previamente agendado com cada um dos entrevistados e fazendo perguntas que vão desde a introdução da cerâmica na vida de cada um, até a entrada no mercado de trabalho. Também houveram questões que tinham como objetivo identificar as mudanças no modo de preparo da cerâmica feita pelos entrevistados e identificar características que atribuam a cerâmica de cada um, um tom único. As entrevistas duraram em média 1 hora e foi dado tempo para que cada entrevistado pudesse falar sem serem interrompidos.

### **2.2 Perguntas**

#### **2.2.1 Dados do Entrevistado**

- a) Nome do entrevistado:
- b) Local de nascimento:

#### **2.2.2 Questões Pessoais**

- a) Como a produção de cerâmica entrou na sua vida?
- b) A produção de cerâmica é importante na sua vida pessoal e profissional? Como?
- c) Como a produção de cerâmica ajuda na preservação da cultura Santarena, na sua opinião?
- d) Como você vê que a produção da cerâmica beneficia a identidade Cultural de Santarém?
- e) Você sente dificuldades na hora de passar conhecimento sobre cerâmica para outras pessoas?
- f) Na sua visão, a cerâmica tem êxito em transpor a identidade pessoal de quem a fez?

- g) A sua visão sobre o estado atual da sociedade em que você está inserido tem alguma influência nas suas peças? Como?
- h) Observações pessoais:

### **2.2.3 Perguntas Relacionadas a Produção Cerâmica**

- a) De onde vem o barro?
- b) Quais são os anti-plásticos usados?
- c) Quais são as formas feitas e para que elas são utilizadas?
- d) Como se faz a decoração/tratamento de superfície (quais são as matérias primas e ferramentas utilizadas, de onde vêm) - quais são as técnicas empregadas, os motivos decorativos possuem significados?
- e) Como se faz a queima?
- f) Como se usa a cerâmica feita? É feita para vender? Tem uma diferença entre cerâmica feita para vender e cerâmica feita para seu uso doméstico/familiar?
- g) De que forma a sua cerâmica é uma continuidade com a cerâmica Tapajônica, e de que forma ela é diferente?
- h) Como você nomeia a cerâmica que faz? É cerâmica Tapajônica ou cerâmica Tapajoara? Se for Tapajoara, de onde vem esse nome?

### 3 ENTREVISTAS

Este capítulo tem como objetivo relatar as entrevistas feitas com ceramistas reconhecidos e identificar os fatores que os levam a se ver como herdeiros da cultura Tapajônica e também saber das diferenças e semelhanças da produção cerâmica atual para a original.

#### 3.1 Entrevista 01

**IDENTIFICAÇÃO:** Elves de Souza Costa, entrevista realizada no dia 16/03/2023.

##### 3.1.1 Questões Pessoais

**Figura 06 - Mestre Elves produzindo réplica de cerâmica Tapajó**



**Fonte:** Elves de Souza Costa 13/04/2023.

A entrevista ocorreu na Escola Municipal Santa Luzia, no bairro do Amparo. O senhor Elves de Souza Costa pediu-me que o chamasse apenas de “Seu Elves”. Convidou-me até sua sala para que pudesse contar-me sua história de vida e como o mesmo acabou sendo levado à prática da produção da cerâmica. A cerâmica entrou em sua vida ainda quando era muito jovem, durante sua infância, vivia próximo a um sítio arqueológico, como o mesmo cita:

“A região do Lago Grande é um sítio arqueológico, então, desde criança que eu morei lá, até os cinco anos de idade eu já tinha

contato com fragmentos de cerâmica que a gente encontrava no próprio terreno ao redor da minha casa. Havia muitos fragmentos de cerâmicas, acabamos que nós apelidamos de “Careta de Índio”. Então na região toda eu cresci vendo várias pesquisas arqueológicas na região o que acabou sendo incorporado na minha vida” (Seu Elves, em 16/03/2023)

Pelo fato de sua família trabalhar com produção cerâmica, Elves acabou aprendendo ainda durante sua juventude a trabalhar na modelagem de barro para ajudar na produção de cerâmica que sua família produzia também.

A cerâmica entrou em sua vida de forma profissional entre 1999 a 2000, em um trabalho realizado pelo SESC, que tinha como propósito a criação de presépios feitos de cerâmica.

“Acabei ficando em segundo lugar, então aquilo me deu um impulso e depois eu participei de um curso de formação específico para cerâmica Tapajônica” (Seu Elves, em 16/03/2023)

Seu Elves trabalhou nesse curso por pelo menos 3 anos e se graduando em diversos tipos de produção cerâmica, porém, sua fonte principal sempre foi a produção da Cerâmica Tapajônica.

A produção cerâmica faz parte da linhagem de sua família, como o mesmo relata, que a produção cerâmica está presente desde os tempos de sua bisavó:

“Eu tenho esse envolvimento de tradição cultural porque a minha mãe produzia cerâmica, a minha bisavó produzia cerâmica é uma tradição na minha família.” (Seu Elves, em 16/03/2023).

Após realizar uma pesquisa que tinha como objetivo identificar sua linhagem sanguínea, Seu Elves acabou descobrindo que descende dos grupos indígenas do Tapajó, o que deixa mais claro sua relação como herdeiro da cultura local.

“Depois de pesquisa sobre a minha árvore genealógica eu descobri que sou descendente de Indígenas do Tapajós. Então a cerâmica está ali, eu ajo como um agente cultural desse povo que viveu aqui e que deixou um legado muito importante para o município que é a cerâmica” (Seu Elves, em 16/03/2023).

A cerâmica entrou em sua vida como uma segunda forma de fonte de renda. Como era professor e estava apenas ganhando um salário mínimo, Seu Elves viu na cerâmica uma outra oportunidade. Porém, viu que a cerâmica era muito mais, Como ceramista, começou a se aprofundar na cerâmica e viu na mesma uma forma de preservar a história de Santarém. Com o tempo acabou criando oficinas que tinham como objetivo levar a história e a preservação da cerâmica aos mais diversos grupos. Suas oficinas eram realizadas em escolas e

comunidades. Esse trabalho durou um ano, trabalhando com crianças e adolescentes. Com o tempo acabou ganhando experiência em outras áreas do ensino e mais tarde foi contratado pelo município como professor com licenciatura em pedagogia e informática. Elves vê na produção da cerâmica uma segunda forma de renda.

**Figura 07 - Mestre Elves orientando alunos em uma oficina de cerâmica**



**Fonte:** Elves de Souza Costa 13/04/2023.

Seu Elves dedicava em média 100 horas semanais para compartilhar o conhecimento sobre a cerâmica nas regiões urbana e de rios do município de Santarém. Com o tempo, Seu Elves viu que seu trabalho não era somente ensinar, mas também preservar a cultura da cerâmica Tapajônica.

“Daí por conta de toda grandeza dessa cultura cerâmica, eu vejo isso como uma necessidade de que essa cultura não seja esquecida”.  
(Seu Elves, 16/03/2023)

Elves identifica três principais ícones quando se trata da cultura Tapajônica.

“Se você for fazer uma pesquisa de campo acerca dessa cultura que representa Santarém, você terá três pilares: a cerâmica, as cuias e o trançado de palha.” (Seu Elves, em 16/03/2023).

Esses itens remontam desde os primeiros habitantes da região do Tapajós e são vistos por seu Elves como os pilares da produção cultural santarena e devem ser divulgados para que não sejam esquecidos.

Em um de seus trabalhos realizados em aldeias, Seu Elves levou o conhecimento da produção cerâmica da região para jovens e adultos que não possuíam mais esse conhecimento. Numa tentativa de realizar o resgate cultural de traços indígenas da região, quando a cultura local acaba sendo suprimida por outra cultura, devem ser feitos projetos de preservação cultural, se não a cultura local acaba sendo esquecida.

Em sua entrevista, seu Elves, demonstrava observar que a mesma coisa estava acontecendo com a cerâmica de Santarém, o SESC tinha capacidade de produzir tijolos e telhas, mas não possuía a capacidade de produzir a cerâmica Tapajônica. Na época a cerâmica que era vendida, que se intitulava de Santarém, na realidade era produzida no pólo oleiro de Icoaraci em Belém. Um grupo de pessoas que se diziam criadores da cerâmica tapajônica eram os Hobbies, que produziam cerâmica, porém, usando outros materiais. Eles faziam vasos de cariátides a partir de Castanha e os apliques eram feitos a partir de resina de durepox.

A falta de conhecimento sobre a produção cerâmica do Tapajós é algo que era observado principalmente em escolas, não havia professores que pudessem ensinar a seus alunos sobre a produção cerâmica, pois não fazia parte da formação acadêmica dos mesmos, e mesmo quando era falado, possuía no máximo meia página sobre a cultura cerâmica nos livros. O final dos anos 90 para a virada do ano 2000 foi um período obscuro para a cultura cerâmica do Tapajós.

Entre os anos de 2005 a 2006, Seu Elves realizou um projeto de criação de figuras da cultura indígena da região do Tapajós. Era realizada a venda de figuras indígenas, como por exemplo o Muiraquitã. Que era vendido em pontos específicos da cidade, como: Aeroporto de Santarém, Lojas de Alter do Chão e no Mercado 2000.

O primeiro encontro de ceramista dos Baixo-Amazonas ocorreu em 2018 em Alter-do-Chão. Foi um trabalho conjunto dos ceramistas de Santarém, o grupo MUTAK e funcionários do IPHAN. Foi o primeiro evento com ceramistas que

tinha como objetivo reavivar a importância da cerâmica santarena e mostrar que ainda havia ceramistas que atuavam na cidade de Santarém.

Em 2018 foi realizado o evento cultural “Réplica da Cerâmica Tapajônica”, evento realizado em parceria com o Centro Cultural João Fona e o Centro Municipal de Cultura. Esse projeto por sua vez visava ajudar as pessoas que gostavam e tinham apreço pela cerâmica, mas não tinham como produzir, visando ajudar a aprofundar o conhecimento sobre o material.

Esse projeto teve a importância de criar um espaço de venda da cerâmica, onde no próprio Museu João Fona era realizada a venda de cerâmicas feitas por ceramistas santarenos. Muitas peças criadas a partir desse evento ainda permanecem para o público geral, criadas de 2017 a 2018. Foi a partir desse evento que deu impulso a Seu Elves para que outras pessoas fossem auxiliadas na realização da criação da cerâmica, pois a partir desse evento havia um espaço que pudesse ser realizado a criação da cerâmica de Santarém.

**Figura 08 - Museu João Fona, local onde encontram-se as cerâmicas produzidas por mestre Elves.**



**Fonte:** <https://secretariamunicipaldecultura-stm.blogspot.com/2015/08/centro-cultural-joao-fona-e-reaberto-ao.html>. Acesso em 14 de outubro de 2023.

Esse projeto dura até hoje (2024). Junto do projeto desenvolveu-se a criação de presépios de cerâmica, pois antes disso os presépios criados eram de gesso, biscuit e outros materiais. Os únicos presépios criados a partir da cerâmica eram os feitos pelo senhor Elves.

Quando questionado sobre sua relação com os estudantes, seu Elves respondeu que não havia dificuldades maiores em ensinar novos alunos. Seu Elves desenvolveu uma metodologia que visava ensinar novos ceramistas, uma metodologia que visa reforçar a “Teoria e a Prática”. Saber de onde a matéria-prima vem é a primeira coisa a saber quando se começa uma nova cerâmica. De maneira a se beneficiar da matéria prima até saber como melhorar o material e deixá-lo no ponto ideal de produção. A experiência em trabalhar com novos ceramistas visa primeiro melhorar o material já adquirido, e então começar a produzir a cerâmica.

“Nas técnicas de produção ela ia desde a modelagem da peça até a questão de acabamento, pintura e tudo mais”. (Seu Elves, em 16/03/2023).

Quando foi questionado sobre as dificuldades em sua área de trabalho, seu Elves especificou que os problemas que os ceramistas de Santarém normalmente têm quanto a seu trabalho, estão ligados a falta de recursos. Um bom atelier para que seja realizado o trabalho de produção cerâmica, normalmente necessita de um financiamento externo, o que seu Elves descreve não possuir no momento, “Meu atelier não está 100% pronto, para que eu possa oferecer oficinas para as pessoas. Digamos que meu atelier esteja 75% preparado (2023).

Ele descreve que os recursos seriam para manter o Atelier funcionando, até ajudar a financiar as oficinas de cerâmica na região de Santarém. Também ajudaria a ter uma segunda fonte de renda em seu trabalho. No momento só existem dois Ateliers em Santarém, o “Atelier do Mestre Elves” que ainda não está finalizado e o “Atelier de Jefferson Paiva” que ainda não estaria pronto para visita.

Outra dificuldade que os ceramistas possuem é o da logística em relação a seu trabalho, acaba que pela falta de recursos e auxílio, os ceramistas acabam necessitando fazer vaquinhas para que os eventos tanto dentro como fora do estado sejam realizados. A divulgação de eventos também é umas das necessidades para que novas pessoas fiquem sabendo de eventos sobre cerâmica.

Aos 59 anos, seu Elves teme que a falta de investimentos e o avanço da idade prejudiquem todo o conhecimento que ele carrega sobre a produção cerâmica do Tapajós: “Eu tenho esse conhecimento, mas sempre sou pouco procurado para a divulgação, atualmente tenho 59 anos, daqui a pouco esse conhecimento irá embora comigo” (2023).

### **3.1.2 Questões Sobre a Produção Cerâmica**

Como parte desse trabalho, Seu Elves foi questionado sobre a presença de características únicas em suas peças. Como resposta seu Elves identificou que as primeiras peças criadas pelos ribeirinhos eram 100% feitas de forma manual, apenas com o uso das mãos na produção da cerâmica.

Atualmente a produção cerâmica já está muito bem constituída e podemos relatar que possui diversas outras técnicas que podem ser empregadas: temos a moldagem (que já era usada pelos indígenas pré-contato), temos a técnica do torno manual através da mão e do pé, também temos o uso do torno elétrico. Tais características já se diferem das feitas pelos primeiros povos.

Outro diferencial apresentado pelo ceramista, está na queima das cerâmicas, os primeiros povos não faziam fogo para queimar as cerâmicas, eles queimavam a coivara, que era uma técnica na qual se queimava ao ar livre, apenas com o uso de lenha. Se colocava a lenha em uma posição que fosse adequada para a queima das peças. Hoje se constroi o forno de barro, cimento e camburão. Além de outras técnicas que podem ser usadas para ser realizada a queima.

**Figura 09 - Peças produzidas por mestre Elves**



**Fonte:** Elves de Souza Costa 13/04/2023.

Seu Elves dá destaque ao uso das peças criadas pela sua bisavó e pelos povos ribeirinhos, o uso de utensílios domésticos e de uso religioso. “minha bisavó fazia panela, fazia tapioqueira, fazia o torrador de café, fazia os alguidares e fazia os panelões. Eram peças utilitárias, já os Índios Tapajó faziam (e fazem) todas essas peças e também as religiosas de rituais, as suas peças ornamentais, no caso os colares, seus instrumentos musicais e os instrumentos de caça”.

O uso de temperos também é valorizado por seu Elves que destaca o uso de cauixi e a cinza do caraipé para a produção da cerâmica antiga. Atualmente Seu Elves destaca que o Chamote é usado na produção de suas cerâmicas, o Chamote produzido ao se triturar a cerâmica e depois passar em um crivo e então misturado com massa para se dar mais resistência. Essa é uma influência mais moderna usada por ceramistas como Seu Elves. Seu Elves não usa o material original para a produção já que o Caraipé original é muito difícil de ser achado.

Seu Elves possui um projeto chamado “As cores e os temperos da Amazônia”. Esse projeto tem como objetivo criar peças cerâmicas a partir das tintas originais que os Tapajó usavam. Elves destaca que o povo Tapajó possuía três cores para pintar sua cerâmica: preto, vermelho e branco Atualmente Seu

Elves usa o “Chamote” nas suas produções cerâmica, o “Chamote” é o próprio pó ralado da cerâmica, que é utilizado para a produção das novas cerâmicas. O “Chamote” é mais barato e fácil de conseguir, diferente do uso do “Cauixi” e o “Caraipé” que os Tapajó usavam. Já foi proposto para Seu Elves a criação de um novo tempero usando Cinzas, Coco e Cacau, mas a experiência nunca foi posta em prática.

O formato e a estética dos materiais são mantidos como os originais. As peças possuem formatos parecidos com as peças originais para que se tente manter o grafismo das peças. Isso é uma característica que se segue para tentar manter a fidelidade às peças tapajônicas.

“se eu faço uma panela, com a tampa da panela eu tento agregar o valor da cultura tapajônica. Se você ver por aí alguma panela que possua um pequeno Muiraquitã no pegador da tampa da panela, fui eu que produzi, para tentar agregar esse valor cultural”. (Seu Elves, em 16/03/2023).

As caracterizações da cerâmica do mestre Elves demonstram que existe uma linha entre o passado e o futuro. Ao agregar que suas peças são produzidas de forma artesanal usando matérias atuais e modos novos. Ao observarmos podemos dizer que o ceramista agrega uma modernidade à peça e coloca suas próprias características na produção, sem apagar o passado.

“O passado me inspira a produzir as minhas peças no presente. O que eu quero dizer com isso, os Tapajó possuíam uma forma de representar as suas peças daquilo que eles viam no cotidiano. Como por exemplo: tartaruga, jacaré, cachorro-do-mato, morcego, urubu-rei”. (Seu Elves, em 16/03/2023).

Lendas locais também inspiram na produção da cerâmica do Tapajós, a lenda do Boto é referenciada em suas peças. Uma lenda local ligada à natureza em um período em que podemos ouvir cada vez mais debates sobre a preservação da natureza. Seu Elves busca na natureza as inspirações para suas peças.

“Quando eu comecei a usar o barro ele vinha da região de Monte Alegre, nós tínhamos uma fonte, aqui no porto do DR, uma empresa que possuía a licença para fazer a extração e a revenda desse produto. Porém quando acabou o prazo da licença eles não conseguiram renovar a licença de extração. Nós ficamos com dificuldade de conseguir essa matéria prima. Na verdade, nós estamos em um ambiente em que podemos conseguir essa matéria-prima. Porém como estamos em um ambiente que é regido pelas normas ambientais, nós não temos essa liberdade de ficar extraindo de qualquer forma. Hoje a argila que eu utilizo é trazida do Lago-Grande. Por causa dos meus pais. Existe muita produção de argila no

Lago-Grande e existe argila em abundância. Eu tenho parentes que conseguem extrair essa argila”. (Seu Elves, em 16/03/2023).

Seu Elves é conhecido por produzir tanto peças artísticas quanto peças de uso cotidiano, porém ambos os materiais usam materiais diferentes, começando pelos anti-plásticos.

“A cerâmica utilitária que nós fazemos é feita por encomenda, quando é feito a encomenda da cerâmica o comprador já manda o formato da cerâmica/panela que ele deseja. Nós fazemos pratos, vasilhas, copos, jarras e bules. Esses materiais possuem vários formatos, meus avós criavam cerâmicas utilitárias, então eu costumo manter o formato antigo dos materiais utilitários.” (Seu Elves, em 16/03/2023).

**Figura 10 - Mestre Elves produzindo cerâmica.**



**Fonte:** Elves de Souza Costa 13/04/2023.

“Existem duas maneiras de se fazer o acabamento na questão da pintura. Você pode pintar antes de queimar, que é a pintura com pigmentos minerais e ela não se desfaz porque se você pintar uma peça antes de queimar com uma tinta industrializada, que geralmente

ela possui muita base orgânica, quando chegar a 200, 300, 400 graus ela vai virar cinza, ou seja quando chega no ponto da queima não tem mais a pintura” (Seu Elves, em 16/03/2023)

Uma das questões apresentadas se refletia na opinião do ceramista, é se o mesmo acreditava que a cerâmica feita por ceramistas é uma continuidade da cerâmica do povo tapajós e de que forma ela possui seus próprios traços.

“Ela é uma continuidade por que eu tenho a preocupação de apresentar uma fidelidade o mais próximo do possível da realidade da cerâmica feita pelos tapajó. A cerâmica Tapajônica tem algumas características que são exclusivamente dela, como: pinturas, os apliques, o grafismo. Quando se faz o grafismo se tem o significado. No caso da tapajônica, eles decoravam tanto com excisão e incisão. Com grafismos que possuíam significado, eram ícones. Por exemplo: no vaso cariátides, você pode ver vários tipos de grafismo, tem grafismo que representa tartaruga, coruja, cobra, jabuti, jacaré e tem grafismo que representa o próprio sapo e rã.” (Seu Elves, em 16/03/2023).

Mesmo sendo de alguma forma uma continuidade Seu Elves demonstra aplicar características próprias que influenciam na preservação de uma identidade do ceramista em relação a cerâmica.

[...]Então, nas minhas peças tem o grafismo que representa esse significado, tem algo que está ligado à nossa cultura, mas tem algo que possui um significado mais profundo. O Muiraquitã para mim representa proteção. Me faz dizer quem eu sou, o que eu represento e o mesmo está ligado à produção das peças que eu produzo, um pouco do seu lado pessoal ou também pode representar a sua filosofia de vida, aquilo que você acredita, aquilo que você vive no seu dia-a-dia, aquilo que você pensa, está ali, impregnado naquela cerâmica. Seja então um aplique ou um grafismo, com incisão ou sem incisão.” (Seu Elves, 16/03/2023).

Uma das questões que podemos debater é sobre o uso do nome aplicado às cerâmicas do ceramista, se o mesmo as denomina de cerâmica Tapajônica ou Tapajoara. A questão vem à tona em um momento em que grupos ceramistas lutam por mais reconhecimento, não apenas para si próprios, mas também para a preservação da cultura do Tapajós.

“Essa é uma situação que na realidade é meio constrangedora. Eu fiz algo que no ponto de vista da ética não é normal, mas do ponto de vista do ensinar, ela é muito importante. É porque a cerâmica tapajônica tem origem da nação tapajó. Dói no meu ouvido quando eu ouço (ou vejo) uma publicação de pessoas com alto conhecimento e falam Tapajoara. Certa vez eu tive uma conversa com o mestre Laurimar, e ele é um cara que eu admiro muito. Ele ainda não partiu, porém está cego, mas mesmo assim ele fala e ouve muito bem. Ele deixou um legado muito importante, que deve ser estudado também. Seja na praça da Liberdade, na praça de São Sebastião. Todas essas esculturas tem a mão dele. Aqueles vasos de cariátides, de gargalo,

todos esses monumentos, foi ele que fez junto do Renato Sussuarana. Eu tive uma conversa com ele, ainda quando eu era estudante, no período em que ele era diretor do museu. Foi nessa época que eu ganhei o título de mestre de saber popular. Deixou-me trabalhar ali, me deu a chave das vitrines para pegar as peças, era uma pessoa que apostava e confiava muito em mim. Um dia tivemos uma conversa sobre o termo Tapajoara, segundo ele foi uma das pessoas que trouxe esse termo para Santarém nos anos 70, e conversando com um músico aqui de Santarém de uma banda chamada “Marretas”, esse membro da banda pegou essa palavra e colocou na banda dele “Som Tapajoara”, por conta disso, e por essa banda conseguir ficar famosa na cidade, esse termo “Tapajoara”. Então, quando as pessoas vão se referir a cerâmica Tapajônica, elas falam “Tapajoara” ou invés de “Tapajônica”. Porque o “Tapajoara” está muito ligado ao sufixo “ara” da cerâmica “Marajoara” de Marajó. E daí vem, mas não tem nada a ver, a cerâmica marajoara é muito diferente da cerâmica Tapajônica. Então, não tem como você se juntar. Você pode juntar na matéria-prima, mas não pode juntar nas características e nas técnicas. A cerâmica Tapajônica possui a questão da leveza, a pintura e os apliques. Então, esses são alguns traços específicos da cerâmica Tapajônica. A Marajó se destaca pela sua pintura, que é muito mais chamativa. Assim como a cerâmica Pocó que é muito idêntica a cerâmica Marajó. Por isso considero um termo errado, pois até quando falei com o mestre Laurimar sobre esse termo, ele me disse que se arrependia de ter comentado com o Marreta sobre isso, pois fez muito mal para a cerâmica Tapajônica. Pois é como se a cerâmica Tapajônica fosse uma vertente da cerâmica do Marajó, e não é, ela é específica daqui dessa região.” (Seu Elves, em 16/03/2023).

## **3.2 Entrevista 02**

**IDENTIFICAÇÃO:** Jefferson de Souza Paiva, entrevista realizada no dia 23/03/2023.

### **3.2.1 Questões Pessoais**

**Figura 11 - Mestre Jefferson Paiva em uma exposição cerâmica.**



**Fonte:** Jefferson de Souza Paiva 02/06/2023.

A entrevista ocorreu em sua casa, no bairro do Jardim Santarém. Sua casa também é o local onde ele produz sua cerâmica, o que era visível ao chegar. A entrevista ocorreu no espaço, bem em frente de onde Jefferson produz sua cerâmica.

A vida de Jefferson em relação à cerâmica começou cedo, ainda durante sua infância. A Família de Jefferson vem de uma longa linhagem de ceramistas e tem a cerâmica como base cultural e como forma de se sustentar. Jefferson faz parte da geração mais recente de ceramistas da família. Seu pai aprendeu com seu avô (paterno) que aprendeu com seu Bisavó.

“Venho de uma família de ceramistas, a cerâmica entrou na minha família desde a década de 30, mas somente com a chegada dos meus avôs paternos e materno em Santarém, eles começaram a trabalhar produção de réplicas arqueológicas[...]A produção cerâmica entrou na minha vida através de meu pai, como eu falei anteriormente eu venho de uma família de ceramistas. Meu pai e meu avô materno e paterno eram ceramistas, meu tio, mestre Izauro, minha mãe e minha tia Léia. Eu cresci nesse processo todo na produção de cerâmica. Desde que eu me entendo como gente, desde os 5 ou 6, 7 anos. Com 7 anos comecei a fazer as minhas peças.” (Jefferson Paiva, em 23/03/2023).

Ainda durante sua infância, fez exposições cerâmicas amadoras com o intuito de ajudar a família financeiramente e ganhar experiência na área de cerâmica, porém se distanciou da produção cerâmica com 15 anos por falta de financiamento do município, o que o fez desistir da produção cerâmica.

“Inclusive com 7 anos foi também minha primeira exposição que a gente fez na mineração Rio Norte, em Porto Trombetas, era criança, mas ainda assim me lembro. Daí a gente começou a trabalhar, meu pai ensinava toda a família a trabalhar com cerâmica. Só que com o tempo ficou só eu, depois disso passou o tempo e desde os 15 anos até os 30 e poucos anos sem produzir cerâmica”. (Jefferson Paiva, em 23/03/2023).

Com o passar do tempo, Jefferson aparentou não se interessar mais por cerâmica, mas voltou após em um sonho que teve com seu avô (que considerou como um sinal), então retornou a praticar a produção da cerâmica. Atualmente Jefferson se mantém financeiramente apenas com a cerâmica que produz, conseguindo exportar sua cerâmica para outras regiões do Brasil e do exterior, chegando até mesmo a participar em 2019 de uma exposição de cerâmicas em Hong Kong.

“E voltei com o tempo, mas nunca gostei de aparecer, fazia algumas encomendas, não gostava de ficar divulgando. Só que a partir de 2018, de um sonho que eu tive com o meu avô, decidi retornar de fato para a cerâmica. Com o tempo entrei na universidade, foquei nos meus estudos, me dediquei realmente a essa profissão e de fato comecei a trabalhar e sobreviver da cerâmica. Particpei de eventos em Santarém, em Belém e também fora do estado: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Inclusive também recebi convites para exposições fora do Brasil, na Tunísia e China.” (Jefferson Paiva, em 23/03/2023).

Atualmente, Jefferson terminou o curso de Arqueologia na UFOPA, com o intuito de se formar em uma área que faz tanto para proteger os patrimônios históricos de Santarém, quanto para agregar o conhecimento que possui em relação à cerâmica.

“Hoje eu curso arqueologia na UFOPA (Universidade do Oeste do Pará) aqui em Santarém. Onde eu tenho participado de trabalhos voluntários com o intuito de trabalhar na preservação de patrimônios históricos é cultural”. (Jefferson Paiva, em 23/03/2023).

Jefferson, vê a cerâmica como forma de preservar uma tradição ancestral, carregada de cultura e significados. Jefferson em algum momento quer passar esse mesmo conhecimento para seus filhos com o intuito de preservar a cultura dos Tapajó.

“Sim, como fato pessoal, posso dizer que estou dando seguimento a uma produção familiar, de gerações antes de mim. Minha família trabalha com cerâmica desde 1930. Então eu imaginava, “quando

chegar em mim, essa tradição irá parar?”. Então hoje, ajuda na minha maneira pessoal porque eu vivo da cerâmica, e passo essa tradição para as minhas filhas e meu filho. Tenho um filho de 12, uma de 6 anos e outra de 3 anos que hoje também já está no caminho da cerâmica”. (Jefferson, em 23/03/2023).

Ao entrar na UFOPA como aluno, Jefferson teve como expandir seu conhecimento sobre peças cerâmicas nos mais variados tipos.

“E como questão profissional, digo também pelo lado científico, desde que eu entrei para fazer arqueologia na UFOPA, meu modo de produzir mudou totalmente. Eu tive acesso a peças originais, no MAE, na USP, no Museu Emílio Goeldi. Inclusive eu tive a oportunidade de fazer um projeto de pesquisa (PIBIC) no ano passado (2022), onde eu tive acesso ao acervo de peças originais do museu Emílio Goeldi. Acredito que seja o casamento perfeito, a tradição familiar e científica. Fui aprendendo com o tempo, na universidade, sobre os povos que foram produtores dessa cerâmica e como é importante preservar esse bem cultural.” (Jefferson, em 26/03/2023).

Para Jefferson, a produção cerâmica dos Tapajó funciona com um ‘Marcador Regional’. Uma forma de destacar Santarém e demonstra que a mesma possui características únicas em relação a cerâmica produzida na região.

“Na minha visão a cerâmica é um marcador regional, assim como outros segmentos do artesanato. Quando falamos capim dourado, as pessoas têm uma ideia da região do Mato Grosso, Tocantins. Quando se fala em cerâmica, vem a região norte. Mas quando se fala sobre cerâmica Tapajônica, os olhos se voltam para a cidade de Santarém. Então para mim é um marcador regional.” (Jefferson, em 23/03/2023).

Além de produzir a cerâmica, Jefferson também participa de vários eventos relacionados à cerâmica da região de Tapajós. Como uma forma de expandir e tornar a cerâmica Santarena, reconhecida a nível nacional. Junto de Mestre Elves e outros ceramistas conhecidos na região, Jefferson expõe suas cerâmicas no Museu João Fona, tanto para venda quanto para expandir o conhecimento da cerâmica Tapajó.

“Eu participo de vários eventos aqui em Santarém, já fiz exposições no centro cultural João Fona, no centro de artesanato do Tapajós localizado no Cristo Rei, em Belém eu participo das feiras do Círio todos os anos. Fora do estado, tenho participado de feiras de artesanato em Brasília, Recife, Belo Horizonte, São Paulo e Espírito Santo. Tenho participado de eventos científicos também: como SAB Norte, SAB Nacional (já fui em Pelotas apresentar nosso trabalho), participei do fórum de acervos arqueológicos que foi sediado em Belém, estou andando pelo caminho da arte nas feiras de artesanato e na parte acadêmica (onde tem congresso de arqueologia) [...]” (Jefferson, em 23/03/2023).

Como um representante da cerâmica Tapajônica, Jefferson já trabalhou como palestrante sobre a cerâmica do Tapajós em eventos fora do estado do Pará, entre esses eventos a SAB, evento que visa promover e expandir o conhecimento sobre arqueologia no âmbito nacional. (<https://www.sabnet.org/>, 2024)

“Tenho tentando fazer presença, inclusive com falas importantes. No caso da SAB eu participei de uma oficina, junto de uma arqueóloga, a Lílian Panachuk, em Belo Horizonte. E sempre que eu estou em Belo Horizonte sou convidado pela Mariana Cabral e pela Lili para fazer uma palestra na UFMG. Agradeço a Deus por estar tendo esse destaque, ficando conhecido, tanto pelo fator pessoal, quanto profissional na região do Tapajós” (Jefferson, em 23/03/2023).

Em determinado momento, realizei uma pergunta que não fazia parte do roteiro original. quando Jefferson disse que: “Participei de eventos em Santarém, em Belém e também fora do estado: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Inclusive também recebi convites para exposições fora do Brasil, na Tunísia e China”

**Figura 12 - Evento de cerâmicas que ocorreu na China, onde foram apresentadas réplicas das peças Tapajó produzidas por Mestre Jefferson.**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CyiyDC7OLKV/> Acessado em 08/04/2023.

Fiquei curioso para entender como ele representou a sociedade Santarena fora do Brasil. Então, perguntei “O senhor disse que já participou de atividades fora do Brasil. Quais atividades fora do Brasil o senhor já participou?”. Sua resposta então revelou que o mesmo, ainda não havia saído do Brasil por razões burocráticas. Mais que havia mandado sua cerâmica para fora e que a mesma já havia sido exposta em eventos internacionais que buscavam reunir peças artísticas a nível internacional. Jefferson também revelou que já havia vendido peças em outros países, como: França, Portugal, Itália e Inglaterra. (Figuras 12 e 13).

“Assim, eu não consegui ainda sair do Brasil. Eu recebi o convite (primeiro convite veio em 2018) para participar do Leilão Internacional de artes em Hong Kong. Só que devido a não possuir nenhum apoio, essa chance escapou e eu não consegui. Segundo evento foi na Tunísia, fui convidado em 2020, eu até consegui o apoio, porém devido a pandemia de covid-19 não consegui ir. Agora em 2022 (ano passado) fui convidado de novo, porém infelizmente não consegui ir também, pois seria necessário um visto para eu passar pelo Canadá, então de última hora eu não consegui. Mas mesmo que eu não tenha participado de nenhum evento, eu mando peças para esses eventos internacionais, já enviei mais de 50 peças para ser comercializado em algumas lojas em Londres. E vendo também pelo facebook e Instagram, já vendi para lojas na França, Itália, Inglaterra e Portugal” (Jefferson, em 23/03/2023).

Quando questionado sobre as dificuldades da área de arqueologia. Jefferson diz que pessoalmente, não há dificuldade em sua vida como ceramista, mas destacou que conhece ceramistas da região que possuem dificuldades em relação ao saber histórico local, que produzem a cerâmica, mas não tem interesse em saber sua história.

“Eu não sinto dificuldade, faço parte de um grupo de ceramistas, a gente se denomina “ceramistas Tapajônicos” e fazemos encontros, justamente para ter essa vivência de artesanato. Agora a gente tem dificuldade, tenho amigos aqui na rua que trabalham com cerâmica, mas não possuem interesse em trabalhar para aprender mais sobre a cerâmica” (Jefferson, em 23/03/2023).

Sobre a questão de o mesmo trabalhar com a cerâmica, foi questionado se o mesmo vê a cerâmica como uma atividade primária ou secundária em sua vida. E Jefferson foi hábil em destacar que vê a cerâmica como sua atividade primária. Seu conhecimento em relação a cerâmica, o faz querer que essa seja sua atividade primária de onde tira seu sustento.

“A cerâmica é uma atividade primária, eu trabalho direto com matéria prima” (Jefferson, em 23/03/2026).

Quando questionado sobre as questões financeiras de seu trabalho como ceramista, Jefferson respondeu dizendo que os principais problemas encontrados estão ligados à falta de incentivos do governo quando a preservação e a importância da cerâmica e ajuda aos ceramistas da região.

“Sim, a gente sente problema em relação ao governo. A gente olha, e o governo não apoia e quando surge a oportunidade de fazer alguma viagem, representando nossa cidade, nossa cultura, Brasil. Não obtive apoio. Eu mandei o feed para a prefeitura, para o governador e

até para o governo federal e ninguém me respondeu a época. E essas feiras que eu participo, e quase todas são bancadas por mim, pago minha passagem, minha hospedagem. O governo entra somente com o espaço (em algumas feiras) de exposição” (Jefferson, em 23/03/2023).

Quando questionado se suas peças possuem alguma característica própria, Jefferson destacou que produz peças para a venda que carregam (ou não) características Tapajônicas. Dando espaço para a venda tanto de produtos que sejam réplicas da cerâmica Tapajó, quanto para peças que sejam para uso do dia-a-dia.

**Figura 13 - Arte cerâmica produzida por Jefferson em feira de exposição na China.**



**Fonte:** [https://www.instagram.com/p/Cz1eHrTJllm/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cz1eHrTJllm/?img_index=1) Acessado em 09/04/2024.

“Assim, hoje, eu trabalho com dois tipos de cerâmica. Trabalho com réplicas artesanais (réplicas das cerâmicas produzidas pelos Tapajó), peças que têm inspiração arqueológica. Peças contemporâneas mais que uma e outra eu coloco o grafismo Tapajônicos, os elementos da cerâmica tapajônica, os animais: urubu-rei, sapos, jacarés. Peças com inspiração arqueológica” (Jefferson, em 23/03/2023).

### 3.2.2 Questões Sobre a Produção Cerâmica

**Figura 14 - Mestre Jefferson Paiva em produzindo cerâmica.**



**Fonte:** Jefferson de Souza Paiva, 02/06/2023.

Questionado sobre como era feita a produção cerâmica, minha primeira pergunta foi em relação ao barro utilizado por Jefferson. De que lugar o barro era extraído. Jefferson então respondeu que o barro era retirado através de escavadeira da região do Tapará.

“Esse barro é retirado da região do Tapará, até uns 10 anos atrás esse barro era retirado de forma manual, um barco ia lá só para tirar o barro. Porém hoje com a modernidade esse barro é coletado através de escavadeira, esse barro é vendido para as olarias e feito o licenciamento da área para poder ser feita a extração.” (Jefferson, em 23/03/2023).

Sobre que peças são feitas com esse barro, perguntei quais eram as peças produzidas. Jefferson vende diversos tipos de peças utilitárias, tanto peças que

sejam usadas no cotidiano, quanto vasos de planta. Seu maior comércio é para vasos de planta. As réplicas arqueológicas feitas por Jefferson, são vendidas nas feiras de exposição ou eventos.

“Eu trabalho com réplicas, trabalho com cerâmicas utilitárias, réplicas de pratos, panelas. E tem a cerâmica decorativa, que são os vasos (tem muita peça para vaso de planta) hoje meu maior comércio e para venda de vasos de planta e outras peças utilitárias. Geralmente as réplicas de peças arqueológicas, eu vendo para feiras de exposição.” (Jefferson, em 23/03/2023).

Jefferson também relatou como faz a decoração e o molde das peças que produz:

“Geralmente a decoração é usada uma ferramenta chamada ‘Esteca’, uma peça artesanal. Geralmente eu faço de forma artesanal, eu pego uma caneta, coloco um fio de arame na ponta e ela fica para cavar a peça. Para brunir as peças eu uso matérias do dia-a-dia: cartões de crédito, plástico para dar o brilho. Geralmente a gente usa tudo que tem na mão. O que me ajuda a melhorar a peça que eu uso. No tratamento para BURNIR a peça eu uso um saco plástico e sementes de Olho-de-Boi ou uma pedra lisa. Na matéria prima eu uso o Engobo, bato no liquidificador e fica aquela coisa pastosa. E aplicado na peça, a gente aqui tem na cor vermelha. Adicionamos várias cores, branco, preto, vermelho. Fio de nylon para cortar o barro. Na questão do significado, muitas das tribos ainda existem, a cultura não morreu. Então são diversos significados. Então as peças que eu produzo eu estudo o significado das peças, significado desses animais nas cerâmicas, as peças que eu produzo carregam as imagens que as peças ancestrais passavam.” (Jefferson, em 23/03/2023).

A “Queima”, feita por Jefferson, é produzida pelo forno-a-lenha, para o uso de peças grandes, que normalmente não teriam espaço dentro de um forno. As peças pequenas que utilizam “Esmalte” são produzidas dentro de fornos elétricos, já que normalmente essas peças são menores e mais frágeis e demandam um controle maior da temperatura.

“Eu utilizo forno a lenha, forno bem rústico. Feito de tijolo e barro e tem que definir um rito para ser feita a queima. Não podemos chegar e botar fogo na peça, tem que esquentar a peça devagar até chegar no ponto de ela pegar fogo. Atualmente eu tenho um forno elétrico, só que eu não consegui fazer uma queima só nele, não pelo fato dele não ser eficiente, mas no meu caso, eu uso o forno elétrico para outro tipo de queima. Para trabalhar com material “Esmalte” preciso de uma temperatura maior para queimar nesse forno. Porque a lenha eu consigo queimar até 900°graus, o forno a lenha para a primeira queima a gente chama de “Queima Biscoito”, quer queira ou que não, voa cinza em cima das peças. Enquanto o forno elétrico, para fazer a queima, ele derrete o “Esmalte”. Então, se pegar alguma cinza no esmalte, irá estragar a peça. Adquiri o forno para trabalhar com “Esmalte” (Jefferson, em 23/03/2023).

**Figura 15 - Mestre Jefferson Paiva moldando a cerâmica.**



**Fonte:** Jefferson de Souza Paiva, 02/06/2023.

De acordo com Jefferson, suas peças são para a venda. Às vezes o mesmo produz peças para uso pessoal que serão usadas por sua esposa, mas isso não é o comum. Jefferson prioriza a venda de suas cerâmicas, já que necessita da venda da cerâmica para custear a produção cerâmica e nos afazeres de sua vida cotidiana. Quando cria peças utilitárias, Jefferson utiliza o Caraipe no preparo, pois de acordo com o mesmo o Cauixi da “Coceira”.

“Não, faço mesmo para vender. Todas as peças estão à venda. Uma vez ou outra minha esposa pega uma peça para podermos usar no dia a dia. Mais geralmente para venda. Também vendo muitas peças utilitárias. Geralmente na utilitária eu coloco “Caraipe”, quando por exemplo eu vou criar uma panela, eu não utilizo o cauixi pois ele dá coceira, eu utilizo somente o caraipe. E nas réplicas eu uso somente o cauixi, tipo assim. E nos vasos para planta, vaso decorativos, eu não utilizo nenhuma espécie de ingrediente e somente o barro puro” (Jefferson, em 23/03/2023).

Quando questionado sobre como o mesmo considera sua cerâmica, uma continuidade da cerâmica Tapajônica e como a mesma se difere. Jefferson então discorreu que a cerâmica que produz, está além de vínculos de sangue ou herança. De acordo com Jefferson, os Santarenos são os herdeiros dos

Tapajó, pois vivem onde eles viveram e mesmo muitos não carregando seu sangue, damos continuidade a sua cultura, através do compartilhamento do conhecimento daqueles que vieram antes dos atuais Santarenos. Então mesmo suas cerâmicas sendo réplicas, Jefferson vê na cerâmica uma continuidade desse conhecimento que não pode se perder, pois a cultura está além do tangível.

“[...] antes eu olhava com alguma diferença. Falava dos Tapajó, falava que era um povo que vivia no passado. Não, os Tapajó somos nós. Utilizamos cerâmica utilizando o mesmo barro, o mesmo caixi, o mesmo caraipé e a mesma forma. Depende do meio de produção, mas quando a gente vê uma réplica a gente fala “Essa aqui é tapajônica” ou “Essa aqui é Marajoara”. Então eu acredito que seja uma continuidade esse processo todo e mesmo as peças, utilitárias ou réplicas eu considero como peças tapajônicas, pois querendo ou não, vivemos na região onde eles viveram” (Jefferson, em 23/03/2023).

Na década de 70, Jefferson mudou-se para Santarém com a família. Seu pai era um ceramista e nomeava sua cerâmica como “Marajoara” pois sua cerâmica carregava traços da cerâmica “Tapajó” é “Marajó”. Já Jefferson nomeia sua cerâmica como “Tapajó”, já que sua cerâmica possui traços ligados com a cerâmica Santarena. Jefferson se considera herdeiro da tradição Tapajó, pois além de vender quer passar esse conhecimento para outros que se interessarem na cultura de Santarém.

“Meu pai, quando ele vendia as peças que ele produzia, O nome do Atelier dele se chamava “Arte Tapajoara”, por que era uma junção de “Tapajó” e “Marajo”. E como ele vinha da região de Belém, ele fazia muitas peças marajoaras e quando ele veio para Santarém ele adotou esse nome “Peças Marajoara”, Isso em 70. Mas eu gosto de “Tapajônica”, pois dá uma autenticidade para região de Santarém. Eu não gosto do termo “Cerâmica Santarém” pois ela limita as diversas passagens da cerâmica da região de Santarém, quando vem Santarém, já vem junto dos Jesuítas. Quase como se fosse apagado toda a história da cerâmica, antes da criação de Santarém” (Jefferson, em 23/03/2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Tradição Tapajônica”, reflete séculos de compartilhamento cultural de diferentes povos. Devemos lembrar que a produção cerâmica é muito anterior à chegada dos europeus a região do Tapajós e que é um processo em constante mudança. Os Mestres Elves e Jefferson, buscam em seu trabalho manter a originalidade de suas peças refletindo o que já sabem e ao mesmo tempo compartilhando para grupos interessados, seu conhecimento.

A questão profissional e financeira na produção cerâmica é algo que deve ser levado em conta. Mestre Elves é pedagogo, é professor de informática na rede municipal de Santarém e vê na cerâmica uma segunda forma para ajudar na sua renda básica. Já Mestre Jefferson vê na renda das cerâmicas a forma de conseguir dinheiro para sustentar a si e a sua família. Ambos os casos refletem um modo de vida urbano, que depende da renda da cerâmica, mas ao mesmo tempo uma tentativa de se preservar o processo cultural de um povo.

Devemos observar que as diferenças básicas de ambos em relação a cerâmica, estão ligadas a questões de origem e financeiras de cada um. Essa diferença não é exclusiva de ambos. A cultura de venda de produtos oleiros e a forma que outras milhares de pessoas tiram da produção cultural para conseguir se manter. Isso não é somente com a cerâmica, o processo de venda cultural está ligado a uma cadeia produtiva que se mantém em todo o mundo.

Podemos observar que o processo de inserção na cerâmica para ambos os casos, se deu ainda durante a infância e que ao obter esse conhecimento os ceramistas se identificaram como herdeiros de uma tradição cultural da região. Porém, devemos notar que o processo de compartilhamento desse conhecimento não é algo fácil, a importância da preservação de um método tão antigo e variado quanto a cerâmica, está além dos próprios ceramistas, está também na ideia compartilhada de um povo em preservar e cuidar de uma característica cultural da região.

## REFERÊNCIAS

HISSA, Sarah de Barros Viana. **Fumo e Arqueologia Histórica: o tabaco e cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XX**. 1. ed. Curitiba: Appris, p 153-163, 2020.

Maciel, Isabelle. **Lideranças indígenas do Baixo Tapajós debatem proteção na Amazônia**. 2022. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/liderancas-indigenas-do-baixo-tapajos-debatem-protecao-na-amazonia/>> . Acesso em 10 março 2024.

MUNIZ, Tiago S. A.; GOMES, Denise M. C. **Identidades materializadas na Amazônia Colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do sítio Aldeia, Santarém, PA**. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 52–76, 2017.

MUNIZ, Tiago S. A; PEREIRA, Isabela B. **Arqueologia Histórica no Médio Amazonas: a região de Santarém sob olhar da etnohistória e arqueologia do presente**. Revista Ciências da Sociedade (RCS), Vol. 1, n. 2, p.139-155, Jul/Dez 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Tapajó**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 10: 93-106, 1949.

NOELLI, Francisco Silva; SALLUM, Marianne. **A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil**. Mana, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 701-742, dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p701>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PRIANTE, Wagner Penedo. **A Cerâmica dos Tapajós e o Desejo de Formas: Estudos de Peças Cerâmicas Arqueológicas Mirando Potências Criativas**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Instituto de Artes. São Paulo - SP. Maio, 2016.

SCHAAN, Denise P.; ALVES, Daiana T. (Org.). **Um Porto, muitas Histórias. Arqueologia no Porto de Santarém**. 1. ed. Belém: Supercores, v. 1. 2015.

SYMANSKI, Luís C. P; GOMES, Denise M. C. **Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.20. n.2. p. 53-90. jul.- dez. 2012.

## ANEXO

### APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

#### PARTE 1 – DADOS DO ENTREVISTADO

- a) Nome do entrevistado:

#### PARTE 2 – QUESTÕES PESSOAIS

- a) Como a produção de cerâmica entrou na sua vida?  
b) A produção de cerâmica é importante na sua vida pessoal e profissional?  
Como?  
c) Como a produção de cerâmica ajuda na preservação da cultura Santarena, na sua opinião?  
d) Como você vê que a produção da cerâmica beneficia a identidade Cultural de Santarém?  
e) Você sente dificuldades na hora de passar conhecimento sobre cerâmica para outras pessoas?  
f) Na sua visão, a cerâmica tem êxito em transpor a identidade pessoal de quem a fez?  
g) A sua visão sobre o estado atual da sociedade em que você está inserido tem alguma influência nas suas peças? Como?  
h) Observações pessoais:

#### PARTE 3 – PERGUNTAS RELACIONADAS A PRODUÇÃO CERÂMICA

- a) De onde vem o barro?  
b) Quais são os antiplásticos usados?  
c) Quais são as formas feitas e para que elas são utilizadas?  
d) Como se faz a decoração/tratamento de superfície (quais são as matérias primas e ferramentas utilizadas, de onde vêm) - quais são as técnicas empregadas, os motivos decorativos possuem significados?  
e) Como se faz a queima?

- f) Como se usa a cerâmica feita? É feita para vender? Tem uma diferença entre cerâmica feita para vender e cerâmica feita para seu uso doméstico/familiar?
- g) De que forma a sua cerâmica é uma continuidade com a cerâmica Tapajônica, e de que forma ela é diferente?
- h) Como você nomeia a cerâmica que faz? É cerâmica Tapajônica ou cerâmica Tapajoara? Se for Tapajoara, de onde vem esse nome?

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA N° 1

**Entrevistado:** Elves de Souza Costa

**Data da entrevista:** 16/03/2023

**Local:** Escola Municipal

### 1.1 QUESTÕES PESSOAIS

**GUILHERME:** Como a produção de cerâmica entrou na sua vida?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** A cerâmica entrou na minha vida ainda na minha infância. Sou oriundo de Santarém, porém minha família é da região do Lago grande, região de origem do meu pai. A região do lago grande é um sítio arqueológico, então desde criança que eu morei até os cinco anos de idade eu já tinha contato com fragmentos de cerâmica que a gente encontrava no próprio terreno ao redor da minha casa. Havia muitos fragmentos de cerâmicas, acabamos que nós apelidamos de “Careta de Índio”. Então na região toda eu cresci vendo várias pesquisas arqueológicas na região o que acabou sendo incorporado na minha vida. Eu comecei a trabalhar com cerâmica de 1999 a 2000 é a minha primeira atividade como profissional foi a produção de presépio de cerâmica em um curso que foi oferecido pelo SESC. Acabei ficando em segundo lugar, então aquilo me deu um impulso e depois eu participei de um curso de formação específico para cerâmica Tapajônica. Era um projeto de resgate da cerâmica Tapajônica e da iconografia Tapajônica. Esse curso durou 3 anos e nele nós aprendemos o básico da produção da cerâmica Tapajônica e da cerâmica arqueológica. E desde lá eu venho trabalhando seguindo essa linha e produzindo outros tipos de cerâmica, mais a minha formação básica e na cerâmica Tapajônica. Eu tenho esse envolvimento de tradição cultural porque a minha mãe produzia cerâmica, a minha bisavó produzia cerâmica é uma tradição na minha família. Depois de pesquisa sobre a minha árvore genealógica eu descobri que sou descendente de Indígenas do Tapajós. Então a cerâmica está ali, eu ajo como um agente cultural desse povo que viveu aqui e que deixou um legado muito importante para o município que é a cerâmica.

**GUILHERME:** A produção de cerâmica é importante na sua vida pessoal e profissional? Como?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Quando eu comecei a fazer a cerâmica ela entrou como uma 2ª opção de renda, como professor nós não ganhamos muito, tínhamos que nos virar com um salário-mínimo. Então com as pesquisas e estudos que eu fiz eu percebi que ela não era somente uma fonte de renda, ela tinha uma importância muito grande. Eu queria que essa cerâmica fosse conhecida e valorizada como parte da nossa cultura. Então a partir daí eu passei a dar mais valor e importante parte da cultura cerâmica de Santarém. Além disso eu tive a preocupação de transmitir esse conhecimento nos diversos espaços que eu tive a oportunidade de participar. Então em 2005 eu

fiz o meu primeiro projeto de divulgação e produção de cerâmica, eu fiz o projeto com a parceria de escolas e comunidades. Eu trabalhei durante 1 ano com essas atividades através de oficinas, trabalhei junto de crianças e adolescentes. Daí a gente foi amadurecendo e acabei sendo contratado pelo município como professor. Minha carga horária tinha 100 horas em que eu me dedicava a transmitir esse conhecimento nas escolas de regiões urbanas e nas regiões de rios. Daí por conta de toda grandeza dessa cultura cerâmica, eu vejo isso como uma necessidade de que essa cultura não seja esquecida, que ela seja despercebida pela grandeza que ela tem no nosso município.

**GUILHERME:** Como você vê que a produção da cerâmica beneficia a identidade Cultural de Santarém?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Eu vejo que a cerâmica é um dos ícones da cultura de Santarém. Se você for fazer uma pesquisa de campo acerca dessa cultura que representa Santarém, você terá 3 pilares: a cerâmica, as cuias e o trançado de palha. É algo nosso que as pessoas trazem de muito tempo. Desde o período dos primeiros habitantes é que para manter essa cultura é importante ela ser difundida. E quando ela não é divulgada ela acaba sendo esquecida. Recentemente estive em uma aldeia do Tapajós (COLOCAR NOME ALDEIA) fazendo o resgate de cerâmica. Passando esse conhecimento para os jovens e as pessoas adultas que não tinham mais esse conhecimento. Quando esse conhecimento é suprimido por outra cultura, esse conhecimento vai se perdendo e os mestres desse conhecimento vão sendo deixados de lado. Acaba que aquele poço vai perdendo a sua própria identidade. Isso é o que vinha acontecendo em Santarém, pois na época que eu participei do projeto do SESC não se produzia mais a cerâmica Tapajônica em Santarém. Nós tínhamos a olarias que produziam tijolos e telhas. Tínhamos os oleiros que produziam os vasos, mas não tínhamos nada que se remontasse à produção cerâmica de Tapajônica. Existiam os ribeirinhos que produziam cerâmicas, mas faziam isso para uso pessoal. Então na época a cerâmica que era vendida, que se intitulava de Santarém na realidade era produzida no pólo oleiro de Icoaraci em Belém. Eles faziam as peças e vendiam dizendo ser da região de Santarém. E aqui em Santarém que também começava produzir cerâmica eram os Híppies, usando outros materiais que não eram a matéria prima da cerâmica. Eles faziam vasos de cariatídes a partir de Castanha e os apliques eram feitos a partir de resina de durepox. Com isso essa cultura ia se perdendo, se você fosse em uma escola para fazer uma pesquisa sobre o conhecimento que as pessoas tinham sobre essa cerâmica, você não ia conseguir encontrar alguém que pudesse falar. Nem os professores não possuíam o conhecimento, isso não fazia parte é talvez ainda faça parte da sua formação. Então os livros de história traziam no máximo meia página sobre essa cultura cerâmica. Então daí a importância de você estar através de palestras, eventos e oficinas é difundir esse conhecimento se manter vivo. No final dos anos 90 para 2000 foi um período muito obscuro para a cultura cerâmica de Santarém.

**GUILHERME:** Quais eventos o senhor(a) participa?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Em 2018 nós tivemos o primeiro encontro de ceramistas do baixo-tapajós, evento que ocorreu em Alter do Chão, que foi

organizado com os ceramistas de Santarém e de Alter do Chão com parceria do grupo Mutak. Então trouxemos pessoas que trabalham no IFAN, além de outros ceramistas que trabalham em outros estados é também e claro da própria Santarém. Para poder e claro dar visibilidade para a cerâmica de Santarém, para mostrar que ela estava viva. Então esse evento foi muito importante para nós aqui porque conseguimos em um primeiro momento reunir os ceramistas daqui de Santarém e mostrar que eles estão atuando. Também em 2018 eu tive um projeto chamado “Réplica da Cerâmica Tapajônica” que foi uma parceria que eu fiz com o Centro cultural João-Fona que é o Centro Municipal de Cultura. Então esse projeto foi também de grande importância, o objetivo desse projeto era trazer esse conhecimento para quem tinha interesse na cerâmica, porém não tinha como produzir e dar oportunidade para que outras pessoas pudessem aprender sobre cerâmica. Então a partir desse projeto me deu impulso na questão do interesse de pessoas que não conheciam a prática na produção de cerâmica e começaram a buscar e aprender e começar a produzir também. Então esse projeto também teve uma outra importância, pois ele criou um espaço de venda no próprio espaço João-Fona, se você for lá, irá ver algumas peças da produção de cerâmica que surgiram a partir desse projeto que a gente começou em 2017/2018. Então o projeto continua hoje, nós temos um trabalho que é anual que é a produção de presépios de cerâmica. Porque até então antes desse projeto desenvolver essa oficina, os presépios que encontramos aqui eram de Gesso, Biscuit e outros materiais. Não havia um presépio específico de cerâmica, o presépio de cerâmico que tinha, era eu produzia tinha mais de 15 anos. Eu fiz um projeto de cerâmica que era um projeto específico aqui da Amazônia, no qual os personagens que eu trabalhei nesse projeto possuíam (todas) características indígenas. Então esse projeto eu criei em 2005/2006 e aí eu comecei a vender nas lojas daqui de Santarém, que o caso se vendia muiquitão, se vendia no aeroporto, vendia nas lojas de Alter-do-Chão. Eu vendia no Atacadão 2000, eu vendia em uma loja de artesanato que eu vendia minhas peças eu vendia nesses locais.

**GUILHERME:** O senhor(a) sente dificuldade para passar esse conhecimento para outras pessoas?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Eu não possuo dificuldade em transmitir esse conhecimento, pois quando eu comecei a trabalhar no município eu desenvolvi uma metodologia de trabalho. Então essa metodologia ela facilita o trabalho de transmissão desse saber, então nessa metodologia que eu desenvolvi para trabalhar nas escolas além é claro para trabalhar nas comunidades. Eu desenvolvi a teoria e a prática, quando eu falo da cerâmica eu falo da sua origem, da origem da matéria prima e como esse trabalho pioneiro ele era desenvolvido através da extração da matéria prima. Do trabalho de beneficiamento dessa matéria prima é a partir daí como deixar essa matéria-prima no ponto ideal para produção. Nas técnicas de produção ela ia desde a modelagem da peça até a questão de acabamento, pintura e tudo mais. Então isso facilitou muito, até quando eu sai do meu trabalho no município eu deixei essa metodologia para outras pessoas. Então eu não vejo muita dificuldade, pois até mesmo com a experiência que eu vou adquirindo, o meu trabalho vai desde a educação infantil até jovens adultos no ensino médio, também possuo

experiência com grupos indígenas, quilombolas, então associações. Eu já divulguei esse trabalho para diversos grupos, então com essa questão em relação à dificuldade, eu não vejo nenhuma dificuldade, eu não vejo nenhuma dificuldade em passar esse conhecimento.

**GUILHERME:** O senhor(a) possui problemas de incentivo financeiro?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Em relação ao financiamento. A gente ainda sente essa necessidade, eu tenho um atelier que é um espaço cultural, eu estou organizando-o aos poucos, para dar oportunidade para as pessoas aprenderem mais a gente esbarra na questão do “Recurso” pois para você organizar um espaço que seja adequado você precisa de recurso. Então meu atelier não está 100% pronto, para que eu possa oferecer oficinas para as pessoas. Digamos que meu atelier esteja 75% preparado. Então esses recursos nós não temos, esse recurso seria para organizar o espaço e para financiar as oficinas e através desse espaço eu poder manter esse espaço. E também eu poder possuir mais de uma fonte de renda através desse trabalho. Para produzir esse espaço aqui em Santarém nós temos apenas 2, já começamos que não estão totalmente prontos. O meu espaço o “Atelier do Mestre Elvis” e o espaço do mestre Jefferson (Jefferson Paiva) que também já começou a montar o espaço dele, mas ainda não está pronto para receber eventos. Outra dificuldade que nós temos é o problema de logística e apoio no trabalho, digo o apoio de divulgar em eventos, como por exemplo em Alter-do-Chão onde sempre precisamos fazer uma vaquinha para alugar um espaço e fazer a divulgação. Isso dificulta muito a participação dos ceramistas nesses eventos para divulgar essa cultura. Outro exemplo, todo ano tem o Círio em Belém e sempre o Jefferson vai, porém ele precisa pedir apoio financeiro externo. Mas isso é raro e ele sempre tem dificuldade. Não somos procurados para a divulgação da nossa arte. Eu tenho esse conhecimento, mas sempre sou pouco procurado para a divulgação, atualmente tenho 59 anos, daqui a pouco esse conhecimento irá embora comigo. Então muita gente que poderia aprender mais não está tendo a oportunidade porque essa unidade não está sendo favorecida, a valorização desse saber que nós adquirimos ao passar da nossa vida, eu não me recuso a mostrar aquilo que eu sei, tudo depender de logística mais então através de parceira tudo isso seria mais fácil de realizar essas atividades.

**GUILHERME:** As suas peças possuem alguma característica própria (alguma crítica ou observação própria) que está presente nas suas peças?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** A questão do meu trabalho com a cerâmica possui vários aspectos, a cerâmica primitiva produzida pelos primeiros ribeirinhos era 100% manual, com auxílio de algumas ferramentas rústicas, técnicas da modelagem dos primeiros povos. Hoje nós temos outras técnicas, temos a moldagem, temos a técnica do torno manual através da mão e do pé, também temos o torno elétrico. Então isso já diferencia a prática dos primeiros povos. Outro diferencial é a técnica da queima, os primeiros povos não faziam fogo para queimar, eles queimavam na coivara que é uma técnica antiga na qual se queimava as técnicas ao ar livre, apenas com a lenha, a lenha

adequada montando uma fogueira de uma maneira que fosse adequada a queima das peças. Hoje já se constrói o forno de Barro, de cimento, de Camburão. Tem várias formas de queimar.

Os povos antigos eram ribeirinhos, eles produziam peças utilitárias, decorativas e religiosas. E por exemplo a minha bisavô fazia panela, fazia tapioqueira, fazia o torrador de café, fazia os alguidares e fazia os panelões. Eram peças utilitárias, já os Índios Tapajós faziam (e fazem) todas essas peças e também as religiosas de rituais as suas peças ornamentais, no caso os colares, seus instrumentos musicais e os instrumentos de caça. Como os apitos para fazer a caça na mata, para atrair os animais e caçar com mais facilidade. Então é as técnicas que a gente conhece e a gente mantém, tanto na questão estética quanto na questão de temperos. Porque os povos, tanto os ribeirinhos quanto os nativos usavam cores e temperos, aqui era usado: cauxi, a cinza do caraipé. Hoje para diferenciar esse tempero nós temos o chamote. Fazendo uma experiência de produção de painéis para deixar mais resistente, nós usamos o chamote. O que é o chamote. E o Pó da própria cerâmica, você tritura a cerâmica, passa num crivo é aquele pó você mistura com a massa para dar mais resistência. Então é uma influência já mais moderna, os antigos usavam outros temperos. Em relação a pintura, as minhas peças têm alguma diferença em relação a pintura.

Então no caso do meu trabalho como eu possuo uma fidelidade em relação às peças que eu produzo, como réplicas eu procuro me manter o mais fiel possível ao material original. E eu não sou fiel em relação ao tempero, hoje em dia é muito difícil encontrar o Caraipé original, eu fiz teste com outros temperos para ver o resultado. Mas em questão do formato da estética eu sempre tento me manter fiel. Assim também em relação ao grafismo. Agora em relação às peças que eu produzo a partir desse conhecimento eu procuro agregar algum valor dessa cultura ao meu grafismo e apliques. Por exemplo, se eu faço uma panela com a tampa da panela eu tento agregar o valor da cultura tapajônica. Se você ver por aí alguma panela que possua um pequeno Muiraquitã no pegador da tampa da panela, fui eu que produzi, foi eu que produzi, para tentar agregar esse valor cultural. Então muitas peças que eu produzo através desse conhecimento eles trazem algum traço da cultura Tapajônica. Como a cerâmica é muito eclética, você pode criar. Tem muita coisa que eu criei a partir do contato com as peças tapajônicas, em relação a pintura, tem muitas peças que eu agreguei. Características como a queima da peça podem ser atribuídas ao ceramista, de uma peça que pode ou não estar queimada. Essa linha tênue entre o passado e o presente. O passado me inspira a produzir as minhas peças no presente. O que eu quero dizer com isso, os Tapajó possuíam uma forma de representar as suas peças daquilo que eles viam no cotidiano. Como por exemplo: Tartaruga, Jacaré, cachorro-do-mato, morcego, urubu-rei. Então veja que existem várias coisas que eles colocavam em suas peças. Outro exemplo é a lenda do boto. Então eu vejo a nossa realidade hoje muito inspirado daquilo que também é ligado a natureza. Se os Tapajós se inspiraram na natureza eu também busco me inspirar através da natureza, na nossa realidade. Eu criei uma estatueta que eu criei em 2010 que é chamada de Boto-Homem, baseado na figura do boto Cinza e do boto Rosa. E também criei o projeto Amazônico baseado na nossa realidade amazônica, porque se Deus

é universal porque temos que ter apenas o presépio de onde se origina o cristianismo. Temos que adaptar nossa realidade a nossa arte para podermos nos identificar melhor.

Eu tenho um projeto chamado “As cores e os temperos da Amazônia”. Os Tapajó usavam 3 cores para pintar a sua cerâmica: Preto, Vermelho e Branco. Essas eram as cores principais usadas aqui. Então baseado nisso eu também procurei pesquisar e buscar as fontes dessas cores que pintam nas cerâmicas. Em relação ao tempero que é usado é o cauixi e o caraipé. Quando eu digo tempero e a mistura da massa. Então diferente do Cauixi e Caraipé que os antigos usavam. Hoje se usa o Chamote, que é o próprio pó da cerâmica que é usado para misturar. Mas já existe proposta para eu fazer o uso da casca do cacau para fazer uma experiência e usar cinzas (coco e cacau) para produção de um tempero novo, porém ainda não foi posto em prática.

## 1.2 PERGUNTAS SOBRE AS TÉCNICAS DA PRODUÇÃO CERÂMICA

**GUILHERME:** De onde vem o Barro que é usado na produção das cerâmicas?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Quando eu comecei a usar o barro ele vinha da região de Monte Alegre, nós tínhamos uma fonte, aqui no porto do DR, uma empresa que possuía a licença para fazer a extração e a revenda desse produto. Porém quando acabou o prazo da licença eles não conseguiram renovar a licença de extração. Nós ficamos com dificuldade de conseguir essa matéria prima. Na verdade, nós estamos em um ambiente em que podemos conseguir essa matéria-prima. Porém como estamos em um ambiente que é regido pelas normas de meio ambiente, nós não temos essa liberdade de ficar extraíndo de qualquer forma. Hoje a argila que eu utilizo é trazida do Lago-Grande. Por causa dos meus pais. Existe muita produção de argila no Lago-Grande e existe argila em abundância. Eu tenho parentes que conseguem extrair essa argila.

**GUILHERME:** Quais são os antiplásticos usados?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** O antiplástico que eu uso é somente em casos especiais quando eu produzo materiais utilitários e o Caraipé. Isso possui uma necessidade quando existe demanda de materiais utilitários.

**GUILHERME:** Quais são as formas feitas e para que elas são utilizadas?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** A cerâmica utilitária que nós fazemos é feita por encomenda, quando é feito a encomenda da cerâmica o comprador já manda o formato da cerâmica/panela que ele deseja. Nós fazemos pratos, vasilhas, copos, jarras e bules. Esses materiais possuem vários formatos, meus avós criavam cerâmicas utilitárias, então eu costumo manter o formato antigo dos materiais utilitários.

**GUILHERME:** Como se faz a decoração/tratamento de superfície (quais são as matérias primas e ferramentas utilizadas, de onde vêm) – quais são as técnicas empregadas, os motivos decorativos possuem significados?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** O acabamento da peça é utilizado vários objetos, como por exemplo a questão do brunimento, a peça ela possui o processo de produção que vai desde a modelagem, depois secagem e acabamento da superfície que é o melhoramento da estética da peça, a pintura e depois a queima. Existem duas maneiras de se fazer o acabamento na questão da pintura. Você pode pintar antes de queimar, que é a pintura com pigmentos minerais e ela não se desfaz porque se você pintar uma peça antes de queimar com uma tinta industrializada, que geralmente ela possui muita base orgânica, quando chegar a 200, 300, 400 graus ela vai virar cinza, ou seja quando chega no ponto da queima não tem mais a pintura. Já o elemento mineral não, você pinta e ela fixa quanto mais queimada ela fica, melhor a tinta fica. Porque ela não se desfaz como o excesso de calor. A gente pode fazer antes ou pode fazer depois, se você tiver a cor para fazer antes, você pinta antes e faz o brunimento dela e a partir daí você pode queimar. Nesse tratamento da superfície, os antigos usavam Urupe (um cogumelo que dá na água), sabugo de milho para deixar a peça mais definida na superfície e o pedaço de cuia para dar o alisamento das peças tanto interno quanto externamente. Hoje usamos outras técnicas, na questão do brunimento, nós usamos a semente do Inajá (um tipo de palmeira) que produz um fruto e se come o fruto e a semente serve para dar o brunimento da peça para que fique mais lisa e brilhante. Também usamos o olho de boi, que possui uma semente que também é usada para fazer o brunimento. Usamos algumas ferramentas para a criação da cerâmica, a pintura pode ser usada com elementos minerais antes e com tintas industrializadas depois (pois a tinta industrial se destrói com muito calor).

**GUILHERME:** Como é feita a queima?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** A queima é feita através de forno a lenha, eu não tenho forno elétrico, nem a gás. Então faço a queima no forno a lenha. Quando a peça é pequena, se faz a queima da peça no forno a gás. Porque o forno a gás chega até 280g (graus) o que queima bem a peça e tira toda a água da peça. Mas as peças grandes são feitas nos fornos a lenha. Os fornos que são feitos a queima podem ser feitos de barro, o próprio barro amarelo que tem no subsolo e pode também ser feito de tijolo. Hoje o meu forno é de tijolo, eu tinha um forno de barro, porém eu o quebrei por ser muito pequeno e fiz um forno maior de tijolo, sendo a queima sendo feita a lenha.

**GUILHERME:** Como se usa a cerâmica feita? É feita para vender? Tem uma diferença entre cerâmica feita para vender e cerâmica feita para seu uso doméstico/familiar?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** A diferença para vender é a para uso doméstico e no uso que a pessoa que comprar irá dar a ela nas atividades domésticas. Por que se for usar uma peça que irá ser usada para culinária, por exemplo, ela tem que ser trabalhada com Caraipe. Ela tem que ser uma peça que possua o tratamento da argila bem mais apurado que uma outra peça artística, pois uma peça utilitária ela não pode ter falhas. Por que ela irá ser usada no dia-a-dia e por isso ela tem que ser melhor trabalhada, ela deve possuir os temperos certos para que ela possua resistência. Já a peça decorativa não precisa de

todo esse cuidado, pode ser uma argila mais comum, pode ter algumas falhas que podem ser consertadas com a pintura.

**GUILHERME:** De que forma a sua cerâmica é uma continuidade com a cerâmica Tapajônica, e de que forma ela é diferente?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Ela é uma continuidade porque eu tenho a preocupação de apresentar uma fidelidade o mais próximo possível da realidade da cerâmica feita pelos tapajó. A cerâmica Tapajônica tem algumas características que são exclusivamente dela, como: pinturas, os apliques, o grafismo. Quando se faz o grafismo se tem o significado. No caso da tapajônica, eles decoravam tanto com excisão e incisão. Com grafismos que possuíam significado, eram ícones. Por exemplo: no vaso cariátides, você pode ver vários tipos de grafismo, tem grafismo que representa tartaruga, coruja, cobra, jabuti, jacaré e tem grafismo que representa o próprio sapo e rã. Então nas minhas peças tem o grafismo que representa esse significado, tem algo que está ligado a nossa cultura, mas tem algo que possui um significado mais profundo. O muiraquitã para mim representa proteção. Me faz dizer quem eu sou, o que eu represento e o mesmo está ligado a produção das peças que eu produzo, um pouco do seu lado pessoal ou também pode representar a sua filosofia de vida, aquilo que você acredita, aquilo que você vive no seu dia-a-dia, aquilo que você pensa, está ali, impregnado naquela cerâmica. Seja então um aplique ou um grafismo, com incisão ou sem incisão.

**GUILHERME:** Como você nomeia a cerâmica que faz? É cerâmica Tapajônica ou cerâmica Tapajoara? Se for Tapajoara, de onde vem esse nome?

**ELVES DE SOUZA COSTA:** Essa é uma situação que na realidade é meio constrangedora. Eu fiz algo que no ponto de vista da ética não é normal, mas do ponto de vista do ensinar, ela é muito importante. E porque cerâmica tapajônica, tem origem da nação tapajó. Dói no meu ouvido quando eu ouço (ou vejo) uma publicação de pessoas com alto conhecimento e falam Tapajoara. Certa vez eu tive uma conversa com o mestre Laurimar, e ele é um cara que eu admiro muito. Ele ainda não partiu, porém está cego, mas mesmo assim ele fala e ouve muito bem. Ele deixou um legado muito importante, que deve ser estudado também. Seja na praça da liberdade, na praça São Sebastião. Todas essas esculturas tem a mão dele. Aqueles vasos de cariátides, de gargalo, todos esses monumentos, foi ele que fez junto do Renato Sussuarana. Eu tive uma conversa com ele, ainda quando eu era estudante, no período em que ele era diretor do museu. Foi nessa época que eu ganhei o título de mestre de saber popular. Me deixou trabalhar ali, me deu a chave da das vitrines para pegar as peças, era uma pessoa que apostava e confiava muito em mim. Um dia tivemos uma conversa sobre o termo Tapajoara, segundo ele, ele foi uma das pessoas que trouxe esse termo para Santarém nos anos 70, e conversando com um músico aqui de Santarém. De uma banda chamada “Marretas”, esse membro da banda pegou essa palavra e colocou na banda dele “Som Tapajoara”, por conta disso, e por essa banda conseguir ficar famosa na cidade, esse termo “Tapajoara”. Então quando as pessoas vão se referir a cerâmica Tapajônica, elas falam “Tapajoara” ou invés de “Tapajonica”. Porque o “Tapajoara” está muito ligado ao sufixo “ara” da

cerâmica “Marajoara” de Marajó. E daí vem, mas não tem nada a ver, a cerâmica marajoara é muito diferente da cerâmica tapajônica. Então não tem como você juntar. Você pode juntar na matéria prima, mas não pode juntar nas características e nas técnicas. A cerâmica Tapajônica possui a questão da leveza, a pintura e os apliques. Então esses são alguns traços específicos da cerâmica tapajônica. A Marajó se destaca pela sua pintura, que é muito mais chamativa. Assim como a cerâmica pocó que é muito idêntica a cerâmica Marajó. Por isso considero um termo errado, pois até quando falei com o mestre Laurimar sobre esse termo, ele me disse que se arrependia de ter comentado com o Marreta sobre isso, pois fez muito mal para a cerâmica Tapajônica. Pois é como se a cerâmica Tapajônica fosse uma vertente da cerâmica do Marajó, e não e, ela é específica daqui dessa região.

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA N° 2

Entrevistado: Jefferson Paiva  
Data da entrevista: 23/03/2023  
Local da Entrevista:

### 1. Questões pessoais

**GUILHERME:** Como a produção de cerâmica entrou na sua vida?

**JEFFERSON PAIVA:** Venho de uma família de ceramistas, a cerâmica entrou na minha família desde a década de 30, mais somente com a chegada dos meus avôs paternos e materno em Santarém, eles começaram a trabalhar produção de réplicas arqueológicas. Hoje eu curso arqueologia na UFOPA (Universidade do Oeste do Pará) aqui em Santarém. Onde eu tenho participado de trabalhos voluntários com o intuito de trabalhar na preservação de patrimônios históricos e culturais. A produção cerâmica entrou na minha vida através de meu pai, como eu falei anteriormente eu venho de uma família de ceramistas. Meu pai e meu avô materno e paterno eram ceramistas, meu tio, mestre Izauro, minha mãe, minha tia Leia. Eu cresci nesse processo todo na produção de cerâmica. Desde que eu me entendo como gente, desde os 5 ou 6, 7 anos. Com 7 anos comecei a fazer as minhas peças. Inclusive com 7 anos foi também minha primeira exposição que a gente fez na mineração Rio Norte, em Porto Trombetas, era criança, mas ainda assim me lembro. Daí a gente começou a trabalhar, meu pai ensinava toda a família a trabalhar com cerâmica. Só que com o tempo ficou só eu, depois disso passou o tempo e desde os 15 anos até os 30 e poucos anos sem produzir cerâmica. E voltei com o tempo, mas nunca gostei de aparecer, fazia algumas encomendas, não gostava de ficar divulgando. Só que a partir de 2018, de um sonho que eu tive com o meu avô, decidi retornar de fato para a cerâmica. Com o tempo entrei na universidade, foquei nos meus estudos, me dediquei realmente a essa profissão e de fato comecei a trabalhar e sobreviver da cerâmica. Participei de eventos em Santarém, em Belém e também fora do estado.: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Inclusive também recebi convites para exposições fora do Brasil, na Tunísia e China.

**GUILHERME:** A produção de cerâmica é importante na sua vida pessoal e profissional? Como?

**JEFFERSON PAIVA:** Sim, como fato pessoal, posso dizer que estou dando seguimento a uma produção familiar, de gerações antes de mim. Minha família trabalha com cerâmica desde 1930. Então eu imaginava, “quando chegar em mim, essa tradição irá parar?”. Então hoje, ajuda na minha maneira pessoal porque eu vivo da cerâmica, e passo essa tradição para as minhas filhas e meu

filho. Tenho um filho de 12, uma de 6 anos e outra de 3 anos que hoje também já está no caminho da cerâmica. E como questão profissional, digo também pelo lado científico, desde que eu entrei para fazer arqueologia na UFOPA, meu modo de produzir mudou totalmente. Eu tive acesso às peças originais, no MAI, na USPI, no Museu Emílio Goeldi. Inclusive eu tive a oportunidade de fazer um projeto de pesquisa (PIBIC) no ano passado (2022), onde eu tive acesso ao acervo de peças originais do museu Emílio Goeldi. Acredito que seja o casamento perfeito, a tradição familiar e científica. Fui aprendendo com o tempo, na universidade, sobre os povos que foram produtores dessa cerâmica e como é importante preservar esse bem cultural.

**GUILHERME:** Como você vê que a produção da cerâmica beneficia a identidade Cultural de Santarém?

**JEFFERSON PAIVA:** Na minha visão a cerâmica é um marcador regional, assim como outros segmentos do artesanato. Quando falamos capim dourado, as pessoas têm uma ideia da região do Mato Grosso, Tocantins. Quando se fala em cerâmica, vem a região norte. Mas quando se fala sobre cerâmica Tapajônica, os olhos se voltam para a cidade de Santarém. Então para mim é um marcador regional.

**GUILHERME:** Qual eventos o senhor(a) participa?

**JEFFERSON PAIVA:** Eu participo de vários eventos aqui em Santarém, já fiz exposições no centro cultural João fona, no centro de artesanato do Tapajós localizado no cristo rei, em Belém eu participo das feiras do Círio todos os anos. Fora do estado, tenho participado de feiras de artesanato em Brasília, Recife, Belo Horizonte, São Paulo e Espírito Santo. Tenho participado de eventos científicos também: como SAB Norte, SAB Nacional (já fui em Pelotas apresentar nosso trabalho), participei do fórum de acervos arqueológicos que foi sediado em Belém, estou andando pelo caminho da arte nas feiras de artesanato e na parte acadêmica (onde tem congresso de arqueologia) tenho tentando fazer presença, inclusive com falas importantes. No caso da SAB eu participei de uma oficina, junto de uma arqueóloga, a Lilian Panachuk, em Belo-Horizonte. E sempre que eu estou em Belo Horizonte sou convidado pela Mariana Cabral e pela Lili para fazer uma palestra na UFMG. Agradeço a Deus por estar tendo esse destaque, ficando conhecido, tanto pelo fator pessoal, quanto profissional na região dos Tapajó.

**GUILHERME:** O senhor disse que já participou de atividades fora do Brasil. Quais atividades fora do Brasil o senhor já participou?

**JEFFERSON PAIVA:** Assim, eu não consegui ainda sair do Brasil. Eu recebi o convite (primeiro convite veio em 2018) para participar do Leilão Internacional de artes em Hong Kong. Só que devido a não possuir nenhum apoio, essa chance escapou e eu não consegui. Segundo evento foi na Tunísia, fui convidado em 2020, eu até consegui o apoio, porém devido a pandemia de covid-19 não consegui ir. Agora em 2022 (ano passado) fui convidado de novo, porém infelizmente não consegui ir também, pois seria necessário um visto

para eu passar pelo Canadá, então de última hora eu não consegui. Mas mesmo que eu não tenha participado de nenhum evento, eu mando peças para esses eventos internacionais, já enviei mais de 50 peças para ser comercializado em algumas lojas em Londres. E vendo também pelo facebook e Instagram, já vendi para lojas na França, Itália, Inglaterra e Portugal.

**GUILHERME:** O senhor(a) sente dificuldade para passar esse conhecimento para outras pessoas?

**JEFFERSON PAIVA:** Eu não sinto dificuldade, faço parte de um grupo de ceramistas, a gente se denomina ceramistas Tapajônicos e fazemos encontros, justamente para ter essa vivência de artesanato. Agora a gente tem dificuldade, tenho amigos aqui na rua que trabalham com cerâmica, mais não possuem interesse em trabalhar para aprender mais sobre a cerâmica.

**GUILHERME:** Na sua visão a cerâmica é um trabalho secundário ou primário?

**JEFFERSON PAIVA:** Não a cerâmica é uma atividade primária, eu trabalho direto com matéria prima.

**GUILHERME:** O senhor(a) possui problemas de incentivo financeiro?

**JEFFERSON PAIVA:** Sim, a gente sente problema em relação ao governo. A gente olha, e o governo não apoia e quando surge a oportunidade de fazer alguma viagem, representando nossa cidade, nossa cultura, Brasil. não obtive apoio. Eu mandei o feed para a prefeitura, para o governador e até para o governo federal e ninguém me respondeu a época. E essas feiras que eu participo, e quase todas são bancadas por mim, pago minha passagem, minha hospedagem. O governo entra somente com o espaço (em algumas feiras) de exposição.

**GUILHERME:** O Senhor disse que faz parte de um grupo de ceramistas. Vocês já tiveram que fazer vaquinha para participar de algum evento?

**JEFFERSON PAIVA:** Sim, no nosso primeiro encontro de ceramistas (eu acho que foi em 2018) a gente precisou fazer uma vaquinha, contribuir, fazer bingo, vender as peças. Para podermos organizar o evento, então assim, nossa região é muito rica culturalmente. A gente tem a cidade de Santarém sendo a cidade mais antiga do Brasil, a cerâmica mais antiga das américas, e a gente usa isso para valorizar o artesão local. Acho que nesse ponto de vista, a prefeitura, setor de turismo deixa muito a desejar, eles poderiam atrair mais turistas através da nossa cerâmica.

**GUILHERME:** As suas peças possuem alguma característica própria (Alguma crítica ou observação própria) que está presente nas suas peças?

**JEFFERSON PAIVA:** Assim, hoje, eu trabalho com dois tipos de cerâmica. Trabalho com réplicas artesanais (réplicas das cerâmicas produzidas pelos Tapajó), peças que têm inspiração arqueológica. Peças contemporâneas mais que uma e outra eu coloco o grafismo Tapajônico, os elementos da cerâmica

tapajônica, os animais: urubu-rei, sapos, jacarés. Peças com inspiração arqueológica. As técnicas que a gente usa, pois hoje eu utilizo o torno, antigamente eles possuíam outro processo de produção das cerâmicas. Hoje temos o torno para facilitar nossa vida.

## 1.2 Perguntas sobre as técnicas da produção cerâmica

**GUILHERME:** De onde vem o Barro que é usado na produção das cerâmicas?

**JEFFERSON PAIVA:** Esse barro é retirado da região do Tapara, até uns 10 anos atrás esse barro era retirado de forma manual, um barco ia lá só para tirar o barro. Porém hoje com a modernidade esse barro é coletado através de escavadeira, esse barro é vendido para as olarias e feito o licenciamento da área para poder ser feita a extração.

**GUILHERME:** Quais são os anti-plásticos usados?

**JEFFERSON PAIVA:** Eu utilizo o caraipé e o cauixi. O caraipé eu compro da região do lago grande, tem uma ceramista que trabalha com cerâmica, eu compro dessa ceramista. O cauixi eu faço coleta pessoal, eu vou para a beira da praia ali na região do Juá, tem muito cauixi na região do Pajuçara é geralmente eu vou lá e coeto.

**GUILHERME:** Quais são as formas feitas e para que elas são utilizadas?

**JEFFERSON PAIVA:** Eu trabalho com réplicas, trabalho com cerâmicas utilitárias, réplicas de pratos, panelas. E tem a cerâmica decorativa, que são os vasos (tem muita peça para vaso de planta) hoje meu maior comércio e para venda de vasos de planta e outras peças utilitárias. Geralmente as réplicas de peças arqueológicas, eu vendo para feiras de exposição.

**GUILHERME:** Como se faz a decoração/tratamento de superfície (quais são as matérias primas e ferramentas utilizadas, de onde vêm) - quais são as técnicas empregadas, os motivos decorativos possuem significados?

**JEFFERSON PAIVA:** Geralmente a decoração é usada uma ferramenta chamada ESTECA, uma peça artesanal, geralmente eu faço de forma artesanal, eu pego uma caneta, coloco um fio de arame na ponta e ela fica para cavar a peça. Para BRUNIR as peças eu uso matérias do dia-a-dia: cartões de crédito, plástico para dar o brilho. Geralmente a gente usa tudo que tem na mão. O que me ajuda a melhorar a peça que eu uso. No tratamento para BURNIR a peça eu uso um saco plástico e sementes de Olho-de-Boi ou uma pedra lisa. Na matéria prima eu uso o Engobo, bato no liquidificador e fica aquela coisa pastosa. E aplicado na peça, a gente aqui tem na cor vermelha. Adicionamos várias cores, branco, preto, vermelho. Fio de nylon para cortar o barro. Na questão do significado, muitas das tribos ainda existem, a cultura não morreu. Então são diversos significados. Então as peças que eu produzo eu estudo o significado das peças, significado desses animais nas cerâmicas, as peças que eu produzo carregam as imagens que as peças ancestrais passavam.

**GUILHERME:** Como é feita a queima?

**JEFFERSON PAIVA:** Eu utilizo forno a lenha, forno bem rústico. Feito de tijolo e barro é tem que definir um rito para ser feita a queima. Não podemos chegar e botar fogo na peça, tem que esquentar a peça devagar até chegar no ponto de ela pegar fogo. Atualmente eu tenho um forno elétrico, só que eu não consegui fazer uma queima só nele, não pelo fato dele não ser eficiente, mas no meu caso, eu uso o forno elétrico para outro tipo de queima. Para trabalhar com material “Esmalte” vou precisar de uma temperatura maior para queimar nesse forno. Porque a lenha eu consigo queimar até 900°graus, o forno a lenha para a primeira queima a gente chama de “Queima Biscoito”, quer queira ou que não, voa cinza em cima das peças. Enquanto o forno elétrico, para fazer a queima, ele derrete o “Esmalte”. Então, se pagar alguma cinza no esmalte, irá estragar a peça. Adquiri o forno para trabalhar com “Esmalte”.

**GUILHERME:** Como se usa a cerâmica feita? É feita para vender? Tem uma diferença entre cerâmica feita para vender e cerâmica feita para seu uso doméstico/familiar?

**JEFFERSON PAIVA:** Não, faço mesmo para vender. Todas as peças estão à venda. Uma vez ou outra minha esposa pega uma peça para podermos usar no dia a dia. Mais geralmente para venda. Também vendo muitas peças utilitárias. Geralmente na utilitária eu coloco “Caraipe”, quando por exemplo eu vou criar uma panela, eu não utilizo o cauixi pois ele dá coceira, eu utilizo somente o caraipe. E nas réplicas eu uso somente o cauixi, tipo assim. E nos vasos para planta, vaso decorativos, eu não utilizo nenhuma espécie de ingrediente e somente o barro puro.

**GUILHERME:** De que forma a sua cerâmica é uma continuidade com a cerâmica Tapajônica, e de que forma ela é diferente?

**JEFFERSON PAIVA:** Não, antes eu olhava com alguma diferença. Falava dos Tapajó, falava que era um povo que vivia no passado. Não, os Tapajó somos nós. Utilizamos cerâmica utilizando o mesmo barro, o mesmo cauixi, o mesmo caraipe, e a mesma forma. Depende do meio de produção, mas quando a gente vê uma réplica a gente fala “Essa aqui é tapajônica” ou “Essa aqui é Marajoara”. Então eu acredito que seja uma continuidade esse processo todo e mesmo as peças, utilitárias ou réplicas eu considero como peças tapajônicas, pois querendo ou não, vivemos na região onde eles viveram.

**GUILHERME:** Como você nomeia a cerâmica que faz? É cerâmica Tapajônica ou cerâmica Tapajoara? Se for Tapajoara, de onde vem esse nome?

**JEFFERSON PAIVA:** Meu pai, quando ele vendia as peças que ele produzia, O nome do Atelier dele se chamava “Arte Tapajoara”, por que era uma junção de “Tapajó” e “Marajó”. E como ele vinha da região de Belém, ele fazia muitas peças marajoaras e quando ele veio para Santarém ele adotou esse nome “Peças Marajoara”, Isso em 70. Mas eu gosto de “Tapajônica”, pois dá uma autenticidade para a região de Santarém. Eu não gosto do termo “Cerâmica Santarém” pois ela limita as diversas passagens da cerâmica da região de Santarém, quando vem Santarém, já vem junto dos Jesuítas. Quase como se fosse apagado toda a história da cerâmica, antes da criação de Santarém.

